



CRB

Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. E humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

PRIORIDADES

1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

2. Missão, profecia e juventudes

Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase no diálogo intergeracional, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



- Entrevista do Ir. Paulo Petry, fsc
- Tempo, tempo, tempo
- Tráfico de pessoas
- Papa Francisco: discípulo missionário de Aparecida

Sumário

Editorial

Aproximação e encontro 665

Mensagem

Entrevista do Ir. Paulo Petry 668

Informes

Religiosa do Congo recebe prêmio por ajudar vítimas da violência
ROSINHA MARTINS 679

Meu sonho: a realidade de todos
ANTÔNIO VERÍSSIMO DA CONCEIÇÃO 682

Quem é o missionário?
MARIA HELENA TEIXEIRA 685

Arte e Cultura

Tempo, tempo, tempo
PLUTARCO ALMEIDA 687

Artigos

Tráfico de pessoas: Da globalização da indiferença à responsabilidade fraterna
WILLIAM CÉSAR DE ANDRADE E ROSITA MILESI 695

Proximidade e encontro. O Papa Francisco: discípulo missionário de Aparecida
PAULO SUESS 707

A formação para a VRC no contexto das Novas Tecnologias
ADALTO LUIZ CHITOLINA 721



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETOR

Ir. Paulo Petry, fsc

EDITOR

Ir. Lauro Daros, fms

REDATOR

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitória, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Coordenação de revisão:

Marina Mendonça

Revisão:

Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual: Brasil: R\$ 110,00
Exterior: R\$ 160,00 • Números avulsos: R\$ 11,50



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 110,00 (para o Brasil)
- R\$ 160,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site crbnacional.org.br, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479.**

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

do que real, é uma esperança e uma certeza. Afinal, sempre é bom sonhar com um mundo melhor. Sim, é possível conquistar, basta a gente ter fé e lutar para chegar lá”.

O terceiro Informe é um belo poema sobre “Quem é Missionário?”. Ir. Maria Helena Teixeira escreve com sensibilidade poética e missionária. Eis o primeiro e o último verso do poema: “*É alguém* muito humano, que, como Maria, possui traços divinos de Deus”. “*É alguém* apaixonado por Deus e por tudo o que faz.”

Padre Plutarco nos brinda com um texto profundo sobre o tempo. Diz-nos o que significa ser livre ou ser escravo perante Kronos – o deus do tempo. Para o autor, “o tempo para o cristão é um leque de oportunidades que Deus nos oferece a cada dia. A fé então nos diz que a nossa resposta deve ser sempre no sentido de gastar o tempo fazendo o bem, isto é, construindo relações humanas mais fraternas, mais gratuitas, sem estresses ou neuroses”.

O artigo “Tráfico de pessoas: da globalização da indiferença à responsabilidade fraterna” nos põe, com antecipação, no centro da CF 2014. O tráfico de pessoas está entre as maiores fontes de lucro criminoso, perdendo somente para o tráfico de armas e de drogas. A Igreja e a VR não podem permanecer indiferentes, pois Deus nos pergunta, como perguntou a Caim: “Onde está o teu irmão?”.

“Proximidade e encontro” é artigo de Paulo Suess, que fala sobre o Papa Francisco – o discípulo missionário de Aparecida. Experiências, gestos e textos do Papa Francisco dão vida às palavras proximidade e encontro: “A proximidade de Deus misericordioso nos acontecimentos de sua vida e o encontro com esse Deus que é sempre o primeiro que se faz presente no encontro com as pessoas humildes”.

No último texto, “A formação para a VRC no contexto das Novas Tecnologias”, Pe. Adalto ensina que “quem tem a responsabilidade de educar e formar pessoas que estão sob seus cuidados não pode ignorar a problemática que se levanta em relação às Novas Mídias (Novas Tecnologias)”.

O autor é de acordo que não convém proibir, mas urgentemente precisamos adaptar os cursos formativos aos dias de hoje para promover o uso crítico e responsável das mídias e ajudar o sujeito a desenvolver uma capacidade madura de relacionamento com a vida.

LAURO DAROS, MARISTA

Entrevista do Ir. Paulo Petry*

1. O que signi cou para o senhor dizer sim à presidência da CRB no contexto atual?

R.: Significou aceitar uma mudança em minha vida. De fato, todo sim implica um não. Ao dizer sim à presidência da CRB eu tive que dizer não à missão que vinha desempenhando no Colégio La Salle Abel, em Niterói/RJ. Tive que deixar a Direção desse grande e maravilhoso colégio de mais de 3.200 alunos. Ao responder sim no contexto atual, também estava eu consciente de que a missão a ser assumida não seria algo tão somente pessoal, mas algo que envolveria muita gente, muitas pessoas, muitos/as religiosos/as que querem ser testemunhas do Reino por todas as partes de nosso país. Dizer sim neste contexto, para mim, foi fazer um ato de fé no Deus da Vida que me concede os dons suficientes e as luzes necessárias para superar minhas limitações e fragilidades na coordenação e animação de uma instituição do porte, da tradição e da importância que é a CRB Nacional. Igualmente significa para mim reconhecer, ao mesmo tempo, as debilidades e as forças que se fazem presentes e se manifestam num serviço de animação assumido em comunidade. Certamente, se eu não pudesse contar com a compreensão, a confiança, o suporte e o ânimo tanto de minha Congregação quanto de outras tantas congregações, eu não poderia assumir a Presidência da CRB. Este é um serviço que se presta pessoal e comunitariamente (com a Diretoria e os/as Assessores/as) em favor da Vida Religiosa Consagrada do Brasil e da Igreja como um todo.

* **Irmão Paulo Petry**, fsc, é presidente da CRB Nacional (Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil), 2013; religioso da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs Irmãos Lascasistas; provincial da Província Lascasista de São Paulo (2006-2011); vice-presidente da CRB Nacional (2008-2009); presidente da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas – CLAR (2009-2012).

2. Como o senhor imagina a Vida Religiosa daqui a dez anos?

R.: Visão é sonho. Por isso poderia responder que o meu sonho é ver a Vida Religiosa sendo o que é chamada a ser: Comunidade de Vida que testemunha a vida, a defende e apresenta, através de seu testemunho, a vida em abundância. Pelo menos este é o desafio que nos vem de Jesus Cristo, que nos envia pelo mundo para que todos tenham essa vida plena. Portanto, se quero vislumbrar a Vida Religiosa do futuro, para daqui a dez ou vinte anos, devo me perguntar sobre as opções que fazemos hoje, seja pessoal, comunitária, institucional e/ou intercongregacionalmente. Estamos ouvindo os clamores da vida? E, se os estamos ouvindo, sabemos discernir as respostas que essa vida reclama? Ouvimos nos clamores do povo o clamor de Deus? Este Deus que se põe do lado dos pequenos, defende-os das armadilhas dos que não respeitam a vida e segue convocando-nos para sermos profetas/profetisas, capazes de revelar seu rosto com ternura e ao mesmo tempo com firmeza. Com ternura para acalentar a vida fragilizada, alentar a vida que brota por todos os lados, resgatar a vida tantas vezes “vendida” e, ao mesmo tempo, para denunciar a vida ameaçada, menosprezada e destruída. Portanto, respondendo à pergunta, imagino a Vida Religiosa daqui a dez anos de duas formas: *a)* entrando por um caminho de extinção, caso se torne cada vez mais ensimesmada, preocupada com o próprio futuro e demasiadamente institucionalizada; *b)* seguindo por um caminho de renovação, reinvenção, recriação, caso saiba voltar seu rosto para o de Jesus e, com humildade, pedir que Ele fique e caminhe conosco. Evidente é que não bastaria fazer este pedido humilde sem a disposição de dar os passos necessários e exigentes que o Senhor nos há de solicitar, e que são pessoais e institucionais.

3. Quais as suas expectativas para este triênio?

R.: Assumir o horizonte e as prioridades emanadas da última AGE. Inspirados no ícone de Emaús, tentar entender os caminhos que o Senhor nos propõe, e segui-los não

Cursos universitários: graduado em Ciências Religiosas, Pedagogia, Teologia; pós-graduado em Comunicação Social; mestre em Filosofia; doutor em Ciências. Alguns cargos e funções: professor, coordenador de Ensino Religioso, assessor de Grupos Juvenis, assessor provincial da Pastoral da Juventude e Pastoral Vocacional; coordenador provincial da Comissão de formação, editor e redator das revistas *Mensagem* e *Vem e Segue-me*; integrante do Conselho Provincial; diretor da comunidade religiosa; e diretor da comunidade educativa do Colégio La Salle Abel, em Niterói.

apenas pessoal, mas comunitariamente e também como Conferência Nacional. Seguro de que esse entender os caminhos do Senhor exige da parte de cada Religioso/a uma abertura à ação do Espírito, certa disposição para estudar temas concernentes à proposta da AGE, temas concernentes à realidade brasileira, temas concernentes ao que nos indica Emaús: é preciso saber caminhar com, não apenas caminhar ao lado de; é preciso saber o momento certo de falar e o de escutar; saber discernir, tomar decisão e partir para novas terras; saber repartir o pão e o abraço, partilhar a fé e a esperança do novo, que se nos revela ao ouvir a Palavra e ao contemplar a realidade. Esse caminhar com, como o fez Jesus, é algo que se faz muito necessário em nossos dias, e é uma das expectativas para o triênio: que saibamos caminhar com, acompanhar-nos, para que possamos narrar nossas histórias, já que histórias escritas com tanta elegância pelo autor de toda vida. A expectativa é que saibamos estar atentos/as como o estiveram os discípulos, não apenas às palavras, mas também aos gestos. Atentos/as não somente ao que nos dizem os outros, mas também e especialmente às atitudes dos demais, que pouco a pouco podem revelar-nos a vida divina que se revela em nossa fragilidade humana.

4. No contexto atual, que mudanças seriam relevantes para a Vida Religiosa do Brasil?

R.: Uma atitude de conversão permanente é necessária para todo aquele que deseja servir ao Senhor. Parecemos-nos um pouco com uma nave lançada no espaço no intento de alcançar Marte. A maior parte do tempo essa nave deve estar corrigindo sua direção, já que Marte e a própria nave são dois corpos em movimento. À medida que a nave se aproxima, Marte se move dentro do e com o universo. OK. E a nossa conversão, o que tem a ver com esse papo espacial? Ora, Deus é fiel, nos chama à vida, nos sustenta e nos acolhe. Contudo, nós buscamos tantas vezes outros rumos e direções, o que nos exige constantes conversões, se quisermos nos “alinhar” ou seguir o Plano Divino da Salvação. O serviço do Reino certamente exigirá uma constante

conversão, um eterno retorno à proposta original de Deus para conosco, o que implica não apenas pessoas, mas a VRC do Brasil como um todo. Assim sendo, eu diria que a mudança mais relevante para todos nós seria essa atitude de conversão, procurando ler a vontade de Deus onde esta se revela, e não ali onde gostaríamos que ela se revelasse. Precisaríamos ser mais como Deus é. O querer ser como Deus nos acompanha desde Adão, que também quis ser como Deus, só que sua compreensão foi errada e o resultado bem o conhecemos. Se fôssemos mais parecidos com Deus, muita coisa seria melhor. Para isso, retomar o modelo que Jesus viveu e propôs é, talvez, o mais importante que precisamos fazer, porque ainda estamos longe de compreender bem esse modelo da misericórdia e do amor que foi, a meu ver, a maior novidade que Jesus trouxe. Sempre retomando os bons exemplos e a mensagem de Jesus Cristo e de tantos/as de nossos/as Fundadores/as, seria relevante voltar nosso olhar para aqueles/as que mais estão distantes da Boa-Nova, dos/as que mais sofrem e dos/as que mais sentem a própria vida ameaçada. Eis aí algumas pistas que podem nos ajudar a fazer as mudanças que nos serão exigidas, e que não declinarei aqui, por fazerem parte do cotidiano de cada religioso/a de uma ou de outra forma.

5. Que análise ou balanço o senhor faz da Vida Religiosa latino-americana e caribenha, uma vez que tem atuado na CLAR?

R.: É uma Vida Religiosa ao mesmo tempo profética e mística, ao mesmo tempo avançada em idade e toda renovada, que por vezes parece fatigada, mas se revela profundamente missionária, comprometida e envolvente. Ao falarmos da VRC na AL e no Caribe, poderíamos dizer que ela não tem apenas um rosto. Ela se revela linda e sofrida, contemplativa e apostólica, sofrendo o martírio e vivendo a missão numa entrega diária que vai consumindo a vida pouco a pouco.

No curto espaço desta entrevista fica difícil fazer um balanço da VRC latino-americana e caribenha, por isso posso

672

tão somente dar uma visão panorâmica e necessariamente parcial. É uma realidade cheia de desafios e esperanças, como todos sabemos, porque dela fazemos parte. Os desafios por vezes se assemelham aos espinhos em meio à messe que fomos chamados/as a cultivar. Por outra parte, nem todos os desafios são negativos: alguns se convertem em motores que impulsionam a VRC para frente, ajudam a desinstalá-la e a provocam para uma ação criativa, generosa e solidária; motores que fazem com que a VRC revele sua dimensão profética de anúncio, denúncia e discernimento. Esses desafios andam par a par com as esperanças. Os sinais de esperança em nosso Continente e no Caribe ajudam a VRC a revelar sua mística com uma presença iluminadora na sociedade.

Cito aqui alguns desafios presentes em todo continente; portanto, também em nossa realidade brasileira. É claro que um ou outro desafio aparece mais fortemente nesta ou naquela nação. Não vou detalhar esses desafios já que são do nosso cotidiano, alguns vividos por nós mesmos/as, outros que podemos acompanhar na mídia. A *violência*, por exemplo, existe praticamente em todos os nossos países, e suas vítimas principais têm sido as pessoas empobrecidas, os migrantes, os excluídos de qualquer possibilidade de aspiração por mais vida. Essa violência ameaça especialmente as vidas jovens, seja no campo ou na cidade. Religiosos/as, somos desafiados/as a defender a vida da criança ameaçada pelo tráfico e a venda nacional e internacional de órgãos humanos; defender a vida do jovem, ameaçada por interesses escusos. Assim, temos pessoas consagradas que arriscam suas vidas precisamente para defender a dos/das jovens e crianças. Outro desafio que podemos mencionar é o *deslocamento de pessoas*, obrigadas a mudar desde sua terra natal para buscar melhores condições de vida. Nessa busca, muitas vezes encontram a ilusão, o desespero, a desolação e chegam a perder a própria vida. Em busca da “terra prometida”, no próprio país ou no estrangeiro, os *desplazados* não medem esforços, e nem sempre calculam as conseqüências, tantas vezes fatídicas, por causa do desespero que confunde

673

a tantos/as irmãos/ãs nossos/as. Finalmente, apenas um desafio mais (sem esgotar a lista destes), o podemos encontrar dentro e fora da própria VRC, ou seja, a *tentação do imediatismo*, que nos leva a querer agora e em benefício próprio aquilo que deveríamos construir juntos, passo a passo. Com essa tentação e tendência, por vezes parece que já não importa ou não nos interessa mais a construção da comunidade, o compromisso “a longo prazo”, os votos perpétuos, o seguimento radical da proposta de Jesus, a entrega total a serviço do Reino de Deus, este Deus Comunidade, uno na Trindade. Até nossa vida espiritual parece tantas vezes expressar essa nossa busca desenfreada do possuir, do querer, da satisfação imediata, custe o que custar, o que nos leva à solidão, mesmo que vivendo sob um mesmo teto, nos leva à competição mesmo quando queremos viver e manifestar ao mundo a fraternidade/sororidade. Como disse acima, é uma “tentação”, uma tendência atual, o que não quer dizer que a inteira VRC da América Latina e do Caribe se alimente e viva desse imediatismo. Tal como outras tentações e/ou tendências buscam nos desviar do essencial, também o imediatismo aí está tentando desempenhar o mesmo papel. Eis aí o desafio para a VRC, para cada Religioso/a: vencer diariamente, e sempre de novo, toda tentação, qualquer que seja, especialmente aquelas que podem transformar-nos em antitestemunhos do Reino.

Dito de outra forma, a tentação do imediatismo é um desafio que pode ao mesmo tempo transformar-se em esperança. Como assim? Ora, a superação desse desafio deve envolver não apenas a VRC, não somente a Igreja, mas também a sociedade, a inteira convivência humana que pretenda fazer deste mundo um lugar harmonioso, justo e digno, um ambiente favorável onde possamos colaborar na instauração do Reino de Deus. Assim, o desafio/esperança na AL e no Caribe é que cada um/a, cada comunidade, cada instituição, adquira a capacidade de dialogar, de fomentar as relações humanas (para além dos desejos imediatistas pessoais), de buscar a unidade na diversidade. Disso justamente fala o Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida

Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, o Cardeal Dom João Braz Aviz, na entrevista concedida à Revista *Vida Nova* da Espanha: “Nunca se deve apagar a luz da Vida Consagrada na Igreja, e deve-se cuidar mais as relações entre bispos e religiosos/as”.¹ E eu acrescentaria que na AL e no Caribe precisamos sempre de novo cuidar das relações entre nós mesmos, dentro de nossas comunidades e instituições. A VRC em nosso continente é dinâmica, está em constante busca de soluções para os problemas e desafios que a afligem interna e externamente. Ela é sinal de esperança ao assumir tantas instâncias de formação, ao revelar o rosto de Deus através do diálogo, da transparência e do afeto para com os que mais precisam de um ombro amigo. A VRC na AL e no Caribe é sinal de esperança, já que envolvida na construção do Reino de Deus, através da busca de uma comunhão profunda a favor da vida em abundância.

6. Há sinais de profetismo da Vida Religiosa do Brasil neste contexto, ou o senhor acha que ela precisa buscar caminhos neste sentido?

R.: Há sinais de profetismo, sim, o que não quer dizer que possamos acomodar-nos. Ao consagrar-nos, o fizemos por inteiro e por uma vida inteira. Já dizia alguém que o cristão não pode tirar férias... do mesmo modo, não podemos “tirar férias” do nosso ser Religioso/a. Isto quer dizer que, no contexto latino-americano e caribenho, aqui no Brasil somos constantemente chamados a ser místicos/as e assumir o profetismo, de forma criativa, renovada e comprometida. Podemos e deveríamos alavancar esses sinais de profetismo e a nossa mística vivendo intensamente a caridade, a compaixão, a compreensão mútua que exige uma escuta atenta de nossos/as Irmãos/ãs e especialmente da Palavra de Deus, acolhendo-nos como irmãos e irmãs. Todos esses gestos e atitudes convertem-se em sementes que devemos lançar em terras brasileiras, sementes boas, regadas pelo Dono da messe. Como pessoas consagradas, encontramos aqui terras férteis de norte a sul, de leste a oeste, capazes de produzir grandes colheitas; vales e montanhas, cidades

1. Revista *Vida Nueva*, 2.767, 10 al 17 de septiembre de 2011, pp. 8-13, España, 2011.

e campos, florestas e rios, mar e sertão, lugares apropriados para espalhar a Palavra, a bondade, a justiça, a caridade, a alegria, a paz, o amor e a fé. Nossa nação é terreno adubado com a esperança e a promessa de vida. Se queremos ser proféticos, nós Religiosos/as devemos continuar regando as sementes de vida em nosso diário caminhar, seja imitando Irmã Dorothy (com seu testemunho martirial), seja imitando aquele/a Irmão/ã que através de sua missão cotidiana (por vezes monótona, às vezes terrível, outras tantas vezes tranquila ou extremamente exigente) permanece fiel ao chamado do Senhor até o fim.

7. Que elementos o senhor acha que precisam ser mais bem trabalhados na CRB, em vista da e ciência e da e cácia na missão?

R.: Uma das questões sempre necessárias é a da animação das comunidades, das Congregações, Ordens, Institutos e Instituições que conformam a VRC. Percebemos como é difícil conseguir as pessoas certas para desempenhar determinadas funções, assumir cargos e missões tão importantes para o bom andamento do todo. Aqui, apesar de, ou justamente por causa da minha tão recente eleição como Presidente da CRB, constato que é muito difícil conseguir completar o quadro dos/as Assessores/as da CRB Nacional. Bastante difícil tem sido conseguir que Religiosos e Religiosas, qualificados para assumir determinadas assessorias, sejam liberados pelas Congregações e Institutos. Às vezes parece que todos gostamos que a VRC seja animada, representada e coordenada... mas... desde que “outros/as o façam”. Aqui tenho que “apossar-me” de uma pequena história ilustrativa, que seguramente muitos/as conhecem, e cujo autor desconheço:

“Esta é uma história de quatro pessoas: *Todo Mundo*, *Alguém*, *Qualquer Um* e *Ninguém*. Havia um trabalho importante a ser feito e *Todo Mundo* tinha certeza de que *Alguém* o faria. *Qualquer Um* poderia tê-lo feito, mas *Ninguém* o fez. *Alguém* zangou-se porque era um trabalho de *Todo Mundo*. *Todo Mundo* pensou que *Qualquer Um* poderia fazê-lo, mas

676

Ninguém imaginou que *Todo Mundo* deixasse de fazê-lo. Ao final, *Todo Mundo* culpou *Alguém* quando *Ninguém* fez o que *Qualquer Um* poderia ter feito.”

Creio que esta história muito bem ilustra o que precisamos fazer e as atitudes que temos de tomar, se quisermos uma Instituição que possa realizar a sua missão. Para que a CRB Nacional funcione bem, *Todo Mundo* deveria assumir o sentido de pertença: “eu também sou CRB, minha comunidade é a CRB, minha Congregação é a CRB”. E, portanto, *Qualquer Um* poderia ou deveria ser convidado a entregar-se ou entregar um/a Irmão/ã para assumir os trabalhos correspondentes (seja na Nacional, na Regional ou nos Núcleos). Alguém precisa assumir os serviços, não apenas em nossas comunidades e Congregações, mas também na Instituição que nos congrega como VRC no Brasil.

E junto com esse sentido de pertença, de compromisso para com a CRB, creio que precisamos, neste triênio, trabalhar bastante na animação das Regionais, no reforço e organização destas, bem como na tomada de consciência de que a nossa missão se realiza ali: nas regionais, nas comunidades, nos núcleos. Se por um lado é importante e necessária a organização, coordenação e representação nacional da VRC no Brasil, por outro esta somente acontecerá quando, em todas as instâncias, começarmos a vislumbrar o horizonte traçado pela AGE e a desenvolver as prioridades que então foram discernidas e assumidas.

Para que a VRC possa assumir a missão e a consagração próprias, são necessárias, evidentemente, as pessoas que queiram doar-se e consagrar-se para tal fim. Por isso um elemento essencial para toda VRC, e conseqüentemente também para a CRB, é a Pastoral Vocacional (PV). Urge mudar a ideia que na sociedade se construiu sobre a Vida Religiosa. Não é que os jovens e adultos/as não queiram ser Religiosos/as; o fato de não quererem é porque a ideia que deles/as têm, no geral, está ainda como foi há cinquenta anos, e isso realmente não faz mais sentido. Dificilmente alguém quer viver uma vida que entende ser uma vida de puro sacrifício, de autonegação, de imposição da vontade de outros, sem

677

sinais mais visíveis, testemunhos mais consistentes do Reino em nossa sociedade; d) a Pastoral Vocacional, através dos MSC, e pelo testemunho de nossas vidas; desafio este a ser assumido pessoal, comunitária e institucionalmente.

8. Se o senhor tivesse que pedir ou sugerir algo para as congregações, o que pediria ou sugeriria?

R.: Envolvimento, participação, disposição para juntos continuarmos assumindo o caminhar na presença daquele que invocamos com tanta insistência: “Permanece conosco, Senhor!”. Que sejamos companheiros/as de caminhada, escutando-nos e narrando-nos para, nessa atitude de narração e escuta, ouvir o que o Senhor tem a nos dizer.

9. O senhor considera a intercongregacionalidade um fator importante para a missão, uma vez que a tendência atual das congregações é de se unirem para este trabalho?

R.: Mesmo que todos reconheçamos a propriedade e a beleza dos diversos carismas, a riqueza da diversidade com que assumimos a missão, a luz que a espiritualidade própria de cada Congregação, Ordem ou Instituto projeta sobre o mundo atual, não podemos negar que o Espírito que nos inspira e envia em missão é um só. Portanto, se o Espírito é o mesmo, por que deveríamos buscar a divisão em vez da união? Por que deveríamos buscar a separação em vez da construção conjunta? Não creio que a intercongregacionalidade venha a substituir ou destituir a “congregacionalidade”; ela aí está para revelar-nos quão rica é a ação de Deus, quão maravilhoso é o Espírito a soprar seus dons ao inspirar nossos/as Fundadores/as. Agora cabe a nós buscar na diversidade a unidade, na riqueza dos diferentes carismas a força para animar a missão continental, proclamar a Boa-Nova e testemunhar os valores do Reino.

Religiosa do Congo recebe prêmio por ajudar vítimas da violência

POR ROSINHA MARTINS*

A Vida Religiosa se alegra com a Congregação das Irmãs Agostinianas de Dungu pelo Prêmio Nansen de Refugiados – uma espécie de prêmio Nobel do mundo humanitário –, que a Irmã Angélique Namaika recebeu em 17 de setembro de 2013, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em Genebra.

Irmã Angélique trabalha há 10 anos no nordeste da República Democrática do Congo, no acompanhamento de mulheres vítimas da violência de gênero e do conflito congolês.

A abordagem individual adotada pela Irmã Angélique no seu trabalho ajuda as vítimas a se recuperarem de seus traumas. Além do abuso que sofreram, essas mulheres e crianças vulneráveis são frequentemente condenadas à exclusão, ao isolamento ou exílio por suas comunidades e pela própria família. Para curar suas feridas e reconstruir suas vidas despedaçadas, elas precisam de muito amor e carinho, do jeito que Irmã Angélique sabe dar.

Angélique falou ao Conselho de Segurança da ONU e no Congresso dos EUA sobre a violência e a busca pela paz no Congo.

Estima-se que aproximadamente 350 mil pessoas tenham sido forçadas a deixar suas casas na região de Dungu. A brutalidade do grupo sectário cristão e militar que atua no norte de Uganda, o LRA (Lord’s Resistance Army), é bastante conhecida, e depoimentos de mulheres confirmam essa prática.

* Ir. Rosinha Martins é assessora de comunicação da CRB Nacional

Conheça um pouco da história missionária de Irmã Angélique

Aos nove anos de idade, Angélique decidiu dedicar sua vida aos necessitados ao ver uma religiosa trabalhando em uma aldeia.

Ingressou na Congregação das Irmãs Agostinianas de Dungu e Doruma, em 1992. “As deslocadas pela violência do LRA são muito vulneráveis. Elas são capturadas, levadas à floresta e dadas aos soldados. Ali, apanham, são vítimas de violência sexual”, disse à coletiva de imprensa em Genebra.

Irmã Angélique, 46, é uma refugiada dentro do próprio país. Foi obrigada a deixar sua casa em virtude de ataques do grupo armado na região e viveu em abrigos com outros deslocados em 2009. “Não sabia aonde ir. Cruzei árvores, campos, não havia comida para todos. Na caminhada, cantava músicas religiosas para espantar o medo”, relatou.

“Era difícil achar quem ajudasse. Quando conheci as vítimas do LRA que escapavam da floresta, percebi que elas tinham sofrido muito mais atrocidades do que eu. Isso me encorajou a ir todos os dias aonde elas viviam para ajudá-las. Estar juntas é importante para as mulheres. Lembramos sempre do ditado: uma por todas, todas por uma”, narrou.

A religiosa é cofundadora do Centro para Reintegração e Desenvolvimento em Dungu, cidade mais afetada pelo LRA. Só neste ano, foram 54 ataques do grupo armado na região, com 17 mortes e 53 sequestros.

Ali, a Irmã trabalha com 150 mulheres que estão em processo de recuperação de traumas. As mulheres têm cursos de alfabetização, costura e culinária. São mulheres como Monique, raptada aos 14 anos pelo LRA. Obrigada a se casar com um soldado, descobriu estar grávida ao ser liberada, aos 17 anos.

Hoje, vive em Dungu com seu bebê de 6 meses, a mãe e o irmão. Aprendeu a costurar com Angélique e faz uniformes escolares. “As mulheres são muito importantes na sociedade. São elas que educam os filhos, formam o futuro.

Peço a Deus todos os dias que me dê força para continuar a ajudá-las. E peço a todos que me ajudem fazendo o mesmo, e olhem para essas mulheres, não só no Congo, que sofrem tantas atrocidades”, concluiu.

(Fontes: *O globo*; Rádio Vaticana)

Meu sonho: a realidade de todos

ANTÔNIO VERÍSSIMO DA CONCEIÇÃO*

Não sei como tudo isso me aconteceu. Só sei que de repente me vi mergulhado em um sono profundo, e então comecei a andar em um lugar estranho e diferente. Tudo parecia real, mas não era realidade, era um sonho mesmo. Logo vi muita gente, eram pessoas jovens, adultos e crianças. Homens e mulheres. Falavam várias línguas. Tinha gente de cor branca, amarela, negros e morenos, de diversas raças e etnias. No meio daquela gente reinava uma grande confusão e tinha muita violência, injustiça, exploração, perversidade e corrupção. Alguns homens pareciam embriagados ou drogados, seus aspectos eram terríveis. Outros estavam cheios de ódio, prepotência e arrogância. Logo percebi que naquele lugar tinha muitos sofrimentos, doenças, terror, guerras e fomes. Senti medo e muita tristeza. “Como fazer para mudar essas situações?”, perguntei a mim mesmo.

Surpreso e espantado, continuei caminhando naquele mundo “diferente”. E olhando ao redor vi muitos animais sendo maltratados e mortos. No “meu sonho” os animais falavam pedindo para não serem sacrificados. Mas ninguém queria ouvi-los. Mais adiante vi muita fumaça e fogo queimando as matas e campos; nos vales e campinas, muitos animais fugiam e as árvores imploravam para não ser destruídas pelos tratores e pelo fogo. “Meu Deus, que sofrimento!”, exclamei. Elas não podem correr!!! Sem ter aonde ir, alguns animais também morriam queimados pelas chamas ou sufocados pela fumaça. “Que crueldade com a vida... tenho que fazer alguma coisa para evitar isso”, pensei.

* **Antônio Veríssimo da Conceição**, líder Apinajé, é escritor e vive na Aldeia Areia Branca, terra indígena Apinajé, em Tocantinópolis (TO).

Durante minha caminhada senti muita sede e logo adiante vi um grande rio; seu leito estava quase seco e suas poucas águas pareciam revoltadas. Chegando mais perto, percebi que havia muito lixo boiando e descendo pela correnteza. E nas águas de cor avermelhada, parecendo sangue, peixes e outros animais da fauna aquática agonizavam sem vida e se misturavam com pneus, óleos lubrificantes, sacolas plásticas, sofás e pedaços de madeiras. Tudo aquilo cheirava mal. “Isso não é verdade, só pode ser um pesadelo”, pensei. Então me afastei das margens daquele rio. E logo me deparei com outra cena desoladora: na beira da estrada encontrei um grande deserto, a se perder de vista. E nesse ambiente não tinha nenhum ser vivo; sem vegetação, nem sequer um inseto vivia naquele local. A terra estava seca e sem vida e os animais criados pelos homens estavam sendo todos extintos: vacas, cabras, cavalos e jumentos; só restavam carcaças e ossos ressecados pelo sol escaldante.

O sol também não tinha brilho e não clareava mais, porque tudo estava mergulhando numa nuvem de poeira e fumaça escura. Continuei minha caminhada por aquele mundo e de repente cheguei numa grande cidade. Lá vi uma enorme e indecisa multidão; parecia um formigueiro, não dava para contar. Havia também muitos carros e motos nas ruas e faziam um barulho ensurdecedor, que parecia trovão. Entrei no meio do aglomerado de pessoas, que passavam apressadas e seguiam em várias direções. Percebi que as pessoas pouco

coisas ao meu redor, demorando um bom tempo para entender o que estava acontecendo. E tive a maior surpresa ao perceber que tudo que vi no meu sonho existe na realidade. Porém, tive o “privilegio” e a sabedoria de compreender que: “Os homens e mulheres podem (e devem) ser educados e capacitados para desenvolver a boa ciência em defesa da vida e do bem-estar de todos. Os recursos naturais podem ser transformados e usados em benefício da humanidade”. Contudo, os homens jamais poderão, pelas suas próprias conveniências e interesses egoístas, interferir e alterar a trama da vida e da natureza.

Agora compreendo que aquele mundo confuso e cheio de problemas que vi no meu “sonho” é “invenção” do próprio homem. Então concluí que cabe ao próprio homem consertar o que faz e continua fazendo de errado. Ou seja, a solução para os problemas e crises que estamos vivendo está na própria humanidade. A transformação da vida para melhor, ou para pior, depende de cada um de nós. Essa terra poluída, suja, doente, cheia de corrupção, de ganância, guerras, escravidão e fome não é um sonho, é um problema real e atual. Porém, nossos sonhos de uma “Terra Sem Males”, de um “Outro Mundo Possível” ou um “lugar do bem viver” é mais do que real, é uma esperança e uma certeza. Afinal, sempre é bom sonhar com um mundo melhor. Sim, é possível conquistar, basta a gente ter fé e lutar para chegar lá.

(Fonte: *PORANTIM: em defesa da causa indígena*. Brasília-DF, ano XXXV, n. 351, p. 11, dez. 2012)

IR. MARIA HELENA TEIXEIRA*

É alguém muito humano, que, como Maria, possui traços divinos de Deus.

É alguém que foi tocado pelo olhar profundo de Jesus de Nazaré, seduzido por Ele, e abandonou tudo para segui-lo.

É alguém que, por amor a Deus e aos irmãos, é capaz de deixar tudo: pais, irmãos amigos, pátria... e caminha tranquilo nas pegadas do Mestre.

É alguém que entrega a vida, tempo e energias pela salvação da humanidade. Por isso, se necessário for, enfrenta até o martírio.

É alguém que, na história e na cultura de cada povo, sabe ler os sinais dos tempos e anuncia-lhe a Boa-Nova de Jesus.

É alguém que luta pela libertação de todo o ser humano, oprimido pela miséria, pela dor e pela ganância dos poderosos.

É alguém que possui um coração grande e forte, sensível e aberto, capaz de amar os irmãos de todas as raças, povos e nações.

É alguém que tem como casa o mundo. O caminho movido por uma enorme paixão: o Reino a ser construído nas terras onde Jesus Cristo não foi anunciado.

É alguém que, impulsionado por uma forte e contínua experiência de Deus, não dorme enquanto toda a humanidade não confessar: “Jesus Cristo é o Senhor!”.

É alguém que nunca desanima diante das dificuldades, convicto de que a missão é de Deus e que, como prometeu, nunca abandonará seus bons operários.

* Ir. Maria Helena Teixeira é religiosa do Sinop.

É alguém que “reza e faz o povo sentir saudades de Deus”.

É alguém que abre caminhos, aplaina veredas e aponta direções.

É alguém que, alimentando-se do Pão da Palavra e da Eucaristia, abraça a vontade de Deus e traz nas mãos a vitória do Ressuscitado.

É alguém que anseia por tornar este mundo mais humano, mais justo e mais fraterno, conforme os sonhos de Deus.

É alguém apaixonado por Deus e por tudo o que faz.

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

1. O tempo no nosso tempo

O conceito de tempo mudou muito. A maioria da população já não vive no interior, onde o tempo demora a passar e as pessoas são mais tranquilas. Aliás, mesmo nas cidades pequenas, é bom que se diga, a rotina já não é mais a mesma porque o estilo de vida dos grandes centros urbanos começa a invadir e a mudar os seus velhos costumes. Pacatas vilas interioranas assumem ares de cidade grande, perdendo aquela paz meio nostálgica de antigamente. Na verdade, seja no interior, seja na metrópole, a vida corre muito rápido. Desde que a internet “globalizou” o universo, facilitando a troca de todo tipo de informação, as barreiras culturais foram sendo quebradas ou bastante relativizadas, pelo menos. Já não é tão fácil definir hoje o que seria “a” cultura urbana e o que é “a” cultura rural.

Em suma, para a cultura atual, o tempo é um valor extremamente importante, fundamental mesmo. Há uma consciência de que o tempo precisa ser aproveitado o máximo possível e por isso cada vez mais as tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) se aperfeiçoam para que possamos potencializar os benefícios do tempo, ou melhor, os benefícios que nos trazem a economia e o bom aproveitamento do tempo. Essas tecnologias parecem querer mesmo estender o tempo para que ninguém perca tempo! O que se pretende, então, é que as tarefas do dia a dia, na vida profissional, pessoal ou familiar, possam ser feitas mais rapidamente, sobrando tempo para outras atividades.

* **Plutarco Almeida**, jesuíta, é diretor do CAC (Centro Alternativo de Cultura), em Belém-PA. **E-mail:** plutarcosj@gmail.com.

Os exemplos são vários. Alguém precisa muito falar com alguém, mas esse alguém não se encontra em nenhum lugar fixo naquele momento. Com o auxílio de um telefone celular, a pessoa será chamada e entrará em contato em qualquer lugar do Planeta, desde que possa (e queira) atender, é claro. Economiza-se o tempo de ficar esperando para resolver qualquer coisa. Quem não se recorda do tempo que era necessário para que uma carta chegasse ao seu destino? Hoje a comunicação escrita, o envio de documentos, fotos, vídeos, é tudo instantâneo através do e-mail. Dos mais simples aos mais complexos problemas, tudo se resolve com o apoio dos diversos recursos tecnológicos, que pode ser um simples celular, o Skype ou uma videoconferência, por exemplo. Na VRC imaginemos o que seria de muitos Provinciais, por exemplo, que têm de acompanhar seus Irmãos ou suas Irmãs em Comunidades distantes milhares de quilômetros umas das outras. Sem o apoio dessas novas tecnologias, o tempo seria gasto em deslocamentos e muito se perderia.

2. *Escravos(s) do tempo*

Por outro lado, é preciso dizer também que esta sociedade tecnologizada, ao querer estender o tempo e valorizá-lo tanto assim, de certo modo nos condiciona a vivermos como seus escravos. Aqui está, aliás, uma das razões da ansiedade e do estresse, doenças “modernas” sempre mais comuns, inclusive na VRC. Quem nunca teve um(a) Provincial, um(a) Coordenador(a) de Comunidade, um(a) diretor(a) de obra, ou quem sabe um(a) simples companheiro(a), com essas doenças? E as consequências para a vida comunitária são terríveis. Religiosos e Religiosas, pessoas que deveriam manter a calma e expressar, em seus gestos cotidianos, aquela paz e aquele equilíbrio interior que o mundo tanto deseja, de repente se veem transformadas em verdadeiras pilhas de nervos, pessoas neuróticas explodindo para todos os lados.

Neste nosso mundo extremamente apressado, sempre de olho no relógio, a gente “corre contra o tempo” e ninguém quer “perder tempo”, numa ânsia cada vez maior de realizar

tudo o que tem que ser realizado, ou pelo menos que nós achamos que é preciso realizar, embora muitas vezes isso não tenha realmente a importância que lhe costumamos dar. Mas isso não importa: o que importa é dar conta de um milhão de coisas ao mesmo tempo, se possível em pouco tempo.

Muitas vezes dizemos “não temos tempo a perder”, quando na verdade somos nós que estamos perdendo a nossa liberdade de gozar o tempo de uma forma mais humana, mais sadia. Ao tentar controlar o tempo a pessoa se submete ao seu senhorio. Esse condicionamento é tão grande e acontece de formas às vezes tão sutis que nem sempre se percebe. E quando se percebe já se está escravizado pelo tempo, ou pela falta dele. Parece até que internalizamos uma espécie de relógio e este vive a bater dentro de nós, cobrando eficiência e economia, rendimento e ação produtiva. Em quantas oportunidades, por exemplo, você já ouviu um(a) Religioso(a) dizer que está cansado(a), estressado(a), porque não consegue “esticar” o seu tempo?

Assim, pressionados pelo tempo ou por aquilo que julgamos ser a falta dele, vivemos na sociedade do tempo curto, do tempo corrido, do tempo ansioso, estressado e estressante. Por certo a VRC não está, como já dissemos, isenta ou livre de cair nessa escravidão também.

3. *O tempo e a eficiência*

Eficiência para a cultura atual é a palavra de ordem. A máquina do mundo tem que girar e girar muito rápido. E para sermos cada vez mais “eficientes” em tudo aquilo que fazemos, precisamos correr e aproveitar cada minuto, cada segundo. Não é sem razão que estamos sempre querendo computadores mais potentes e mais rápidos, quer dizer, mais “eficientes”. Ninguém gosta mais de esperar por nada. A lentidão desagrada, atrapalha a vida, aborrece porque não produz: é ineficiente, portanto.

Assim como as máquinas, no dicionário moderno, “eficiente” é a pessoa que corre muito e sabe aproveitar bem o tempo, como quem bebe um taça de vinho até a última

gota e, se possível fosse, espremeria a própria taça. Esse tipo de pessoa geralmente tem lugar em qualquer mercado de trabalho (e na VRC, por que não?). Por sua vez, “ineficiente” é quem não possui o controle do tempo e não sabe aproveitá-lo segundo os ditames da sociedade atual. Uma pessoa com esse perfil desagrada, atrapalha a vida, aborrece porque não produz: é ineficiente, portanto. E assim como marginalizamos e colocamos de lado as máquinas que já não são tão rápidas (tornaram-se “ineficientes”, portanto), fazemos o mesmo com as pessoas. Podemos concluir, então, que máquinas e seres humanos devem ter igual desempenho? O tempo escraviza a tudo e a todos?

Para acompanhar a dinâmica mercantilista/produtivista da cultura de hoje precisamos “inventar” um dia que seja mais extenso que o tradicional. Mas isso tem um custo, é claro que tem. A correria para fazer isso e aquilo nos sufoca e não raramente provoca em nós, além da ansiedade e do estresse, uma espécie de remorso por não termos conseguido aproveitar melhor o tempo e consequentemente por não sermos pessoas “eficientes” do jeito que a sociedade espera e o mercado (a VRC?) precisa. Se isso não é escravidão, que nome poderíamos lhe dar?

4. Tempo para quê?

Há um velho ditado popular que afirma que “tempo é ouro”. Propomos aqui, então, uma breve reflexão sobre essa questão do tempo ou do aproveitamento do tempo na VRC. De que forma organizamos o nosso tempo, quais são as prioridades que escolhemos, ou seja, o que estamos fazendo realmente com o tempo de que dispomos? Estamos “aproveitando o tempo” ou “desperdiçando o tempo”? Qual seria, de fato, a “qualidade” do nosso tempo? Devemos medir a nossa “eficiência” pelos critérios da sociedade moderna ou seria possível adotar outro tipo de referência? Se Jesus Cristo nos libertou integralmente, por que será que nos tornamos, mesmo sem termos plena consciência disso, escravos do tempo?

Quando a VRC se reúne, especialmente aqueles e aquelas que têm a missão de governo, a conversa no intervalo do cafezinho muitas vezes gira em torno de vários assuntos e dentre eles a falta de tempo. As queixas são sempre as mesmas, muito trabalho e pouco tempo. Jesus disse: “A messe é grande e poucos são os operários”. Hoje nós completamos: além de poucos operários, o tempo também é curto! Assoberbados de trabalho, falta-nos o tempo necessário para cumprir todos os compromissos e realizar todas as mil e uma missões que temos.

Essas reclamações geralmente partem de um pressuposto equivocado. Na verdade, o tempo está ao nosso dispor e não o contrário. Não existe falta ou excesso de tempo. Existe o tempo, mas é preciso saber o que fazer com ele. Somos nós que utilizamos o tempo (liberdade), e não ele que se utiliza de nós (escravidão). Tempo, portanto, é questão de preferência, questão de opção e de opção livre. Quando eu nego a minha liberdade, me torno escravo do tempo, mas quando eu o administro sabiamente, ele se transforma em meu aliado. Portanto, quem diz que “não teve tempo” para isso ou para aquilo quer dizer apenas o seguinte: “Eu preferi fazer outra coisa durante esse tempo”. É evidente que o tempo não pode nem deve levar a culpa, pois somos nós os seus donos ou, melhor ainda: os seus gestores. Se o gerimos bem ou mal, isso é outra coisa.

Podemos realizar mil e uma atividades importantes ou simplesmente nada fazer. Assim, o tempo todo de um dia pode ser insuficiente, mas para outras pessoas olhar para o relógio pode parecer um verdadeiro exercício de penitência e sofrimento. Sem querermos ser reducionistas, apenas para efeito didático, arriscamos aqui uma classificação meio tosca, mas que pode nos ajudar nesta breve análise que estamos tentando fazer. Vamos considerar, então, que existem duas categorias de Religiosos(as): os “ativistas” e os “preguiçosos”.

Para os(as) Religiosos(as) “ativistas” o dia deveria ter mais de 24 horas, porque sempre têm muito o que fazer. O tempo é sempre escasso, as agendas superlotadas e o coração

sempre ansioso. Não sobra quase nada (de tempo) para aproveitar o que existe de bom nas relações humanas, na vida comunitária e por aí vai. Um simples momento de lazer comunitário torna-se um estorvo na vida desses Irmãos e Irmãs. De um modo geral, essas pessoas vivem estressadas ou quase assim. Entretanto, para os preguiçosos o tempo se arrasta lento demais. Acordam e dormem tranquilos sem se importar com nada. Sempre têm tempo, inclusive, às vezes, para fazer o que não devem. Esse pessoal chega facilmente aos cem anos.

Esses dois extremos, é claro, são muito perigosos. A correria para aproveitar ao máximo todo o tempo do dia pode nos levar não só ao cansaço, mas também ao estresse e, em casos mais graves, a neuroses de todo tipo. Isso quase sempre tem reflexos terríveis na vida pessoal e comunitária. Mas, por outro lado, desperdiçar o tempo com atividades inúteis (quando não perigosas, como, por exemplo, ficar na internet a noite toda...) pode ter o mesmo efeito negativo, não é verdade? Lembremo-nos dos(as) Religiosos(as) que não sabem o que fazer com as 24 horas do dia e se metem em coisas nada compatíveis com a sua consagração a Deus e aos irmãos. É muito sábio (e atual) o ditado: “Cabeça vazia, oficina do diabo”. E o diabo agora vem pela tela.

5. Administrar o tempo

Já dizia o velho filósofo Aristóteles que “a virtude está no meio” e o ditado popular afirma: “Nem tanto ao mar nem tanto à terra”. Precisamos encontrar um meio termo, uma “terceira via” na administração do nosso tempo. A pessoa ativista torna-se escrava do tempo, mas quem não sabe o que fazer com ele também prejudica a si mesmo e a comunidade. O(a) Religioso(a) ansioso(a) e estressado(a) pode fazer tanto mal quanto o(a) preguiçoso(a) que passa o dia inteiro descansando. O primeiro tipo é escravizado pelo relógio (e pelas agendas), enquanto o segundo é refém da preguiça com todas as suas danosas consequências naturais. Sinceramente, a VRC, para ser autêntica, isto é, para dar

uma resposta positiva aos desafios do mundo de hoje, não precisa nem de um nem de outro.

No entanto, além desses dois tipos, devemos mencionar um terceiro, ou seja, aquela pessoa que não é “ativista”, mas também não pode ser rotulado de “preguiçosa”. Trata-se do(a) Religioso(a) que gosta de trabalhar e que assume com entusiasmo a sua missão de cada dia, mas que é muito desorganizado(a) e por isso não consegue alcançar seus objetivos no tempo marcado. Sua agenda é meio caótica e sua vida idem. Quem não conhece um Irmão ou Irmã que sempre chega atrasado(a) para os compromissos e gasta um tempo enorme para realizar as mais simples tarefas do cotidiano? Seu ritmo é “devagar quase parando”... Nunca tem tempo para nada porque seu tempo é administrado de forma errada. Palavras como planejamento, objetividade, pontualidade não fazem parte do seu linguajar.

6. O tempo é nosso

Ora bolas, o tempo foi criado por Deus para estar ao nosso dispor e, é lógico, para que o aproveitemos para o bem, para realizarmos a nossa vocação e cumprirmos a nossa missão! Mas com certeza o Senhor do Tempo não o fez para que ele nos transformasse em seus escravos. Se seguirmos este raciocínio, temos que admitir que o tempo não deveria ser a causa de tantos males. Pelo contrário, o tempo para o cristão é um leque de oportunidades que Deus nos oferece a cada dia. A fé então nos diz que a nossa resposta deve ser sempre no sentido de gastar o tempo fazendo o bem, isto é, construindo relações humanas mais fraternas, mais gratuitas, sem estresses ou neuroses. Nesse sentido podemos concluir que as pessoas consagradas, mais do que ninguém, deveriam dar o exemplo de como viver o tempo maximizando, digamos assim, o bem que se pode fazer a todo mundo, quando se vive as horas na perspectiva do Evangelho. O tempo bem aproveitado, o tempo humanizado, fruído com prazer, sem correrias, sem estresse, o tempo ocupado por atividades positivas em vista do bem comum.

Mas como encontrar a justa medida? Como é possível administrar o tempo sem nos deixarmos aprisionar por ele, mas também sem permitir que ele escape de nossas mãos como uma gelatina? Talvez o segredo esteja na possibilidade de irmos a aproveitar o tempo na medida mais ou menos certa, quer dizer, nem ativistas estressados nem preguiçosos relaxados, nem tampouco adeptos da bagunça! O tempo sob nosso controle e sempre a serviço de todos os Irmãos e Irmãs.

7. Tempo de férias

O fim do ano se aproxima e todo mundo já planeja as suas merecidas férias. Isso vale também, é claro, para os Religiosos e as Religiosas, pois afinal de contas somos todos humanos e por isso precisamos revigorar as forças de vez em quando. Infelizmente ainda existem por aí Irmãos e Irmãs que insistem em não tirar férias, achando que a missão exige dedicação total 24 horas por dia e 365 dias por ano! Tem gente na VRC que pensa que tirar férias uma vez por ano é um desperdício de tempo e de dinheiro, enfim, um luxo incompatível com o nosso voto de pobreza. Esse pessoal não admite fugir da rotina de trabalho para respirar um pouco, para relaxar, para conviver mais assiduamente com a sua Comunidade Religiosa. Isso é escravidão! Isso não tem nada a ver com a nossa vocação! A nossa “eficiência” não deve ser medida pelo corre-corre, e sim pela qualidade do que fazemos com o tempo de que dispomos.

Ter um tempo para tudo é uma arte, a arte mesma de viver. Saber administrar o tempo disponível usando de liberdade e de bom senso é tarefa nossa. Gastar o tempo investindo sempre mais na construção do que de mais humano existe é missão de cada cristão e muito particularmente dos que optaram pela Vida Religiosa.

Tráfico de pessoas Da globalização da indiferença à responsabilidade fraterna

WILLIAM CÉSAR DE ANDRADE*

IR. ROSITA MILESI, MSCS**

*“Adão, onde estás? E ‘onde está o teu irmão?’
são as duas perguntas que Deus coloca no início da história da humanidade e
dirige também a todos os homens do nosso tempo, incluindo nós próprios.”*

(Papa Francisco, Lampedusa, julho de 2013)

É inegável que o tráfico de pessoas seja uma realidade presente em todo o mundo, incidindo com maior ou menor intensidade em cada sociedade. Entretanto, nem sempre é possível constatar sua presença em nosso dia a dia, no lugar em que moramos e a partir dos grupos e comunidades em que estamos inseridos. De certo modo, é esse paradoxo que se torna extremamente desafiador para as paróquias, comunidades, articulações pastorais e outras organizações da Igreja diante da CF de 2014!

Mas como pastoralmente construir um caminho de responsabilidade fraterna ante o tráfico de pessoas?

As palavras do Papa Francisco em sua homilia na ilha de Lampedusa nos oferece uma indicação dos passos que devemos dar. Ele é incisivo ao recordar que nossa humanidade – imagem e semelhança de Deus – acontece e se revela no encontro com as outras pessoas, compartilhando sua existência e com elas superando as situações de invisibilidade social, sofrimento e morte. O reinado de Deus é vida em plenitude para todos.

Na atitude de indiferença o indivíduo demonstra que vê apenas a si mesmo e suas vontades e desejos. Esse é seu abso-luto! As demais pessoas têm valor ou importância à medida

* **William César de Andrade**, leigo, é assessor do Centro Cultural Missionário (CCM).

** **Ir. Rosita Milesi**, mscs, é diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH).

que não interferem com impedimentos à sua realização ou quando são objetos de seu afeto. É a “minha” felicidade que importa, e todos os meios para chegar a ela são legítimos e devem ser utilizados. Quando esse comportamento deixa de ser uma postura pessoal e reflete um agir coletivo, instaura-se a globalização da indiferença. É nesse contexto que se torna possível traficar pessoas e transformá-las em mercadoria negociável como mão de obra escrava, para adoção ilegal, para a extração e comércio de órgãos, para a exploração sexual e circunstâncias correlatas ou transversais.

“Onde está teu irmão?”

Está pergunta é dirigida a Caim pouco depois do assassinato de Abel. Deus exige uma resposta e não se contenta com a afirmação “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). Caim se recusa a ver seu “irmão” e a situação de sofrimento e morte que o cerca.

Há uma estreita relação entre invisibilidade social, vulnerabilidade e exclusão, de modo que os grupos excluídos são vulneráveis em relação às doenças, às diferentes formas de violência, ao crime organizado e também ao tráfico humano. Essa fragilização vai se acentuando à medida que os processos de exclusão se acentuam, e estes vão desde a exclusão do direito à alimentação até a exclusão da informação (REIS, 2010, p. 58). Toda e qualquer ameaça à vida humana ou que contribua para a sua degradação e perda de dignidade é a presença do antirreino entre nós, e a Igreja não pode calar-se ou omitir-se. Não é possível encontrar a Deus e com ele permanecer sem que vivamos a responsabilidade fraterna de cuidarmos uns dos outros.

Acolher Cristo nas pessoas vítimas do tráfico humano

O recente Documento “Acolher Cristo nos Refugiados e nas pessoas deslocadas à força”¹ recorda-nos que a finalidade das intervenções da Igreja “consiste em oferecer uma oportunidade aos refugiados, às pessoas deslocadas internamente

1. Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes e Pontifício Conselho *Cor Unum*, 06 de junho de 2013.

e às vítimas do tráfico humano, para alcançar a sua dignidade humana, trabalhando produtivamente e assumindo os direitos e deveres do país receptor, sem jamais esquecer de fomentar a sua vida espiritual”.

Na Apresentação do referido Documento, sempre voltado às pessoas deslocadas à força, entre as quais situa as vítimas de tráfico humano, afirma-se que, respondendo ao mandamento divino e atendendo às necessidades espirituais e pastorais, a Igreja não somente promove a dignidade de cada pessoa humana, mas também proclama o Evangelho de amor e de paz em situações de migração forçada, inclusive pela forma desumana do tráfico de pessoas. O Papa Francisco relacionou esta ação com a Ressurreição e com a nossa própria atitude:

Deixemos que a força do seu amor transforme também a nossa vida, tornando-nos instrumentos desta misericórdia, canais através dos quais Deus possa irrigar a terra, guardar a criação inteira e fazer florir a justiça e a paz. Isto implica “mudar o ódio em amor, a vingança em perdão, a guerra em paz. Sim, Cristo é a nossa paz e, por seu intermédio, imploramos a paz para o mundo inteiro [...] para que cesse definitivamente toda a violência e, sobretudo, para a [...] população vítima do conflito e para os numerosos refugiados... Paz para o mundo inteiro, [...] ferido pelo egoísmo que ameaça a vida humana e a família – um egoísmo que faz continuar o tráfico de pessoas, a escravidão mais extensa neste século vinte e um” [...].²

Os direitos humanos fundamentais estão em jogo nessa nova forma de escravidão, que não apenas destrói jovens vidas, mas também famílias no mundo inteiro (n. 54).

O tráfico de pessoas constitui um problema multifacetado, que provoca ou muitas vezes se vincula à migração, afirma o citado Documento. Amplia-se a indústria do sexo, o trabalho forçado de homens, mulheres e crianças em indústrias, construções, restaurantes, hotéis e serviços agrícolas e domésticos. Por um lado, o trabalho forçado está ligado à discriminação, à pobreza, aos costumes, à desintegração familiar e social, ao analfabetismo, entre outros elementos.

2. Mensagem Pascal e Bênção *Urbi et Orbi*, do Papa Francisco, 31 de março de 2013.

Por outro, tem a ver com os conflitos, com a exploração da mão de obra barata e flexível, tornando atraentes os acordos comerciais para os empregadores. O tráfico de seres humanos envolve também o comércio de órgãos, a solicitação e o recrutamento de crianças e adolescentes para conflitos armados ou para adoções suspeitas, disfarçadas e ilegítimas. A escravidão de natureza sexual também subsiste entre crianças-soldado durante conflitos armados, recrutadas por meio do tráfico. É, pois, de suma importância ter presente e sempre considerar que as diferentes formas de tráfico humano exigem abordagens e medidas diferenciadas para uma ação eficaz, a fim de dispensar a devida atenção e restabelecer a dignidade das vítimas dessa criminosa e degradante atividade.

A situação das pessoas que são forçadas a migrar exige urgentemente dos sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas, leigos e leigas que estejam adequadamente preparados para esse apostolado específico. É também oportuno que algumas pessoas consagradas se dediquem ao ministério no meio da mobilidade humana, tanto fora da sua terra natal como na própria pátria (n. 97).

O apelo das Campanhas da Fraternidade

Assim, um apelo típico das Campanhas da Fraternidade e inerente ao tempo quaresmal é aproximar o tema do cotidiano dos cristãos, valorizando experiências e boas práticas pastorais e/ou do próprio Estado e convidando os fiéis a mudanças de atitudes e reencontro com o ressuscitado. Para tanto, faz-se necessário viabilizar um amplo processo de conscientização e, sempre que possível, de transformação da realidade, sintonizando-a com os ideias do Reino de Deus. A seção Mobilidade Humana do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) nos oferece uma perspectiva ampla no que tange às diferentes dimensões que a ação pastoral pode e deve abranger:

- *Na perspectiva da assistência:* fortalecimento da atenção às vítimas do tráfico de pessoas, tendo presente e fazendo

com que o tema seja abordado nos países de origem, de trânsito, de destino e de retorno, a partir de uma perspectiva de direitos, no respeito e proteção à dignidade do ser humano.

- *Na perspectiva da prevenção:* sensibilização e informação sobre o tráfico de pessoas, suas graves e perversas consequências, sublinhando o enfoque da dignidade humana e de vida plena do Evangelho e do Ensino Social da Igreja, no marco de uma pastoral de conjunto.
- *Na dimensão da incidência:* abordar o conjunto das políticas públicas em matéria de tráfico de pessoas (envolvimento nos vários aspectos: elaboração, decisão, orçamento, execução e controle), com ênfase no trabalho em rede, no contexto e análise crítica do modelo de desenvolvimento de nossos países, seu sistema educativo e o fortalecimento de suas instituições (MILESI, 2010, p. 53).

O CELAM reafirma, assim, três aspectos que são de grande importância para a ação da Igreja no Brasil, quanto ao enfrentamento do tráfico de pessoas:

- 1) paróquias, redes de comunidades e outros grupos e organismos da Igreja Católica no Brasil podem sensibilizar e mesmo mobilizar segmentos da sociedade civil por sua credibilidade e palavra de denúncia, de prevenção e acolhimento das vítimas desse crime hediondo;
- 2) as dimensões local, nacional e internacional estão presentes no tráfico de pessoas e devem também articular-se nas ações que o combatem, de modo a constituir-se em redes de proteção e ajuda mútua;
- 3) é no marco de uma pastoral de conjunto que as ações eclesiais necessariamente precisam ser articuladas, para que o enfrentamento do tráfico reproduza o anseio e o agir pastoral de toda a Igreja.

Relembramos aqui o *Documento de Aparecida*, número 112, quando afirma de que modo, como discípulos missionários, nos comprometemos com o Evangelho:

Diante da exclusão, Jesus defende os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. De seu Mestre, o discípulo tem aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana. Só o Senhor é autor e dono da vida. O ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde a sua concepção até a sua morte natural, em todas as circunstâncias e condições de sua vida. Diante das estruturas de morte, Jesus faz presente a vida plena. “Eu vim para dar vida aos homens e para que a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Por isso, cura os enfermos, expulsa os demônios e compromete os discípulos na promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na justiça.

Com vistas a isso, destacamos a seguir atitudes e ações que podem ser implementadas a partir da igreja local e de sua rede de paróquias e comunidades e que, por seu efeito multiplicador, certamente reverberarão no âmbito nacional:

1. *No apelo à conversão e ao compromisso pessoal* – reiterar, na formação catequética, nos encontros, retiros, seminários e mesmo nos momentos celebrativos, atenção específica sobre a situação vivenciada por crianças, jovens e mesmo adultos no âmbito da comunidade, principalmente se nessa realidade estiveram presentes situações de baixa estima, exclusão e vulnerabilidade social. Nessas condições, potencialmente, existe o risco de tráfico humano e da exploração por parte de traficantes ou atravessadores, que se apresentam como interlocutores para uma vida melhor, para outras oportunidades de trabalho, de sucesso, de ganho fácil. Afirmar a dignidade das pessoas, seu pleno pertencimento à comunidade, e comprometer as pastorais neste propósito é uma forma de proteção.

2. *A atitude pessoal e comunitária de acolhimento às vítimas* – Jesus acolhe e oferece de modo incondicional seu amor. Ele apenas cuida (cf. Lc 7,36-50) e resgata a pessoa “caída”. Cada um de nós deve buscar ser uma presença que consola, acolhe, compreende e ajuda na retomada de um caminho de dignidade e respeito humano. Sejam quais forem os motivos que levaram um ser humano a se tornar vítima do tráfico,

não podemos esquecer sua humanidade e os vários aspectos psicológicos que permearam suas atitudes, tais como: o desejo, os apelos de consumo, amor e sonhos de uma vida melhor.

3. *Protagonismo eclesial* – Já existe uma forte presença da igreja em ações de caráter social, por isso em muitas dioceses o esforço está em consolidar ações que contribuam para a superação da vulnerabilidade e de exclusão social. Valorizar articulações das pastorais e organismos entre si e destas com outras entidades e espaços da sociedade civil: Cáritas diocesanas e Cáritas brasileira, Pastorais Sociais, Comissão Brasileira e Comissões Diocesanas Justiça e Paz, Setor Mobilidade Humana; enfim, fortalecer e articular ações no âmbito de uma pastoral de conjunto e sua incidência nas demais instâncias da sociedade.

Nas situações locais em que essas articulações não existem até o momento, pode-se aproveitar o contexto da própria Campanha da Fraternidade para iniciar esse processo. No que tange a iniciativas pastorais já claramente atuantes em situações de marginalidade e exclusão das pessoas, tais como a Pastoral da Mulher Marginalizada – PMM, Rede Um Grito pela Vida, Comissão Pastoral da Terra, Casas de Acolhida de Migrantes, Refugiados, pessoas em situação de rua, e, no âmbito diocesano, pastorais que ofereçam apoio e atenção às pessoas vítimas de exploração sexual (mulheres, homens, crianças e aqueles que se consideram LGBT) e do trabalho escravo, ampliar se possível suas equipes de trabalho e a incidência no processo de articulação por políticas públicas mais eficientes e centradas no cuidado às vítimas do tráfico humano.

4. *Conscientizar: “uma corrente do bem”* – Isso pode ser feito por meio da participação em campanhas promovidas pelo Estado, mas também nos meios de comunicação da própria igreja, tais como TVs, rádios e jornais. Desse modo a temática do tráfico humano e mesmo do contrabando de migrantes será mais conhecida, bem como as iniciativas pastorais que contribuam para sua erradicação.³ Divulgar materiais, promover campanhas e outras iniciativas produzidas pelas diferentes instituições vinculadas à Igreja e ou às entidades

3. MILESI, Rosita; SPRANDEL, Márcia. II Seminário Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo. In: *Tráfico de pessoas e trabalho escravo*. Brasília: CNBB, 2012. p. 155.

parceiras na luta pela erradicação de toda e qualquer forma de tráfico. Numa articulação mais ampla, que envolva os regionais da CNBB, as dioceses e a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), seguramente será de efeito abrangente, muito eficaz e orientador para a sociedade realizar cursos de formação de multiplicadores para a prevenção ao tráfico humano. Onde já ocorrem iniciativas do gênero, dar continuidade ao processo. O fundamental é sensibilizar e socializar informações sobre o Tráfico de Pessoas e seus degradantes efeitos para as pessoas e para a sociedade; sublinha-se a importância de capacitar multiplicadores/as para ações educativas de prevenção ao tráfico humano, assistência às pessoas atingidas e intensificação da demanda e implementação de políticas públicas de enfrentamento dessa realidade.

5. *Atuar como uma rede de proteção* – Uma proposta que já apareceu em diversos encontros do Setor Mobilidade Humana da CNBB é a constituição de uma rede voltada à prevenção ao tráfico de pessoas e à assistência às vítimas, bem como atuação insistente na incidência por políticas públicas, de modo a integrar iniciativas de caráter regional ou mesmo tornar mais eficaz o funcionamento de entidades, grupos e organizações que atuam nacional e internacionalmente. Nesse processo estão pensados a elaboração de banco de dados, um serviço de disque denúncia e articulações em torno do Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e suas seções estaduais. Bem como o monitoramento da implementação do II Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.

6. *Monitorar políticas propostas pelo Estado* – Estar vigilantes para que seja efetivado o que está proposto no III PNDH: “Estruturar, a partir de serviços existentes, sistema nacional de atendimento às vítimas do tráfico de pessoas, de reintegração e diminuição da vulnerabilidade, especialmente de crianças, adolescentes, mulheres, transexuais e travestis”.⁴ Bem como somar forças e agir em parceria, governo e sociedade civil, na luta pelo aprimoramento do marco legal relativo ao tráfico de pessoas, de modo a pôr fim aos limites atuais no que tange à responsabilização por esses

4. BRASIL. Secretaria Nacional de Direitos Humanos. *III Programa Nacional de Direitos Humanos*. Brasília, 2010. p. 149.

crimes.⁵ Esta proposta reitera recomendação constante do Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal sobre o Tráfico de Pessoas, 2012.

7. *Campanhas de enfrentamento ao tráfico humano* – Desenvolver atividades de difusão e sensibilização, e para tanto aproveitar datas significativas, tais como: 28 de janeiro – Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo; 8 de março – Dia Internacional da Mulher; 1º de maio – Dia do Trabalhador; 18 de maio – Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes; 23 de setembro – Dia Internacional contra a Exploração Sexual de Crianças e o Tráfico de Mulheres e Crianças; 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra.

8. *Particular atenção e cuidado com as crianças* – É necessário maior controle sobre formas veladas de adoção, encobertas, muitas vezes, por parentesco ou por suposta ajuda dada aos pais, e que resultam na retirada da criança do convívio familiar, mas que não têm amparo social; embora legalmente constituídas, são ilegítimas e violadoras de direitos e voltadas a fins ilícitos, como tráfico e exploração. Atente-se que nas adoções internacionais nem sempre o acompanhamento por parte das embaixadas e consulados significa licitude e transparência.

9. *Superação das desigualdades e redução da vulnerabilidade social* – A Igreja, em parceria com outras organizações da sociedade civil, partindo da premissa de que o tráfico humano se expande quando existe vulnerabilidade social, deve monitorar a atuação do Estado no sentido de dar “efetividade às políticas públicas” – saúde, educação, desenvolvimento social, moradia, inserção laboral –, a fim de reduzir a exposição das pessoas ao tráfico humano ou a outras situações nas quais incorrem por falta de oportunidades, de assistência, de perspectivas de vida.

Considerações finais

A complexidade das situações envolvidas no enfrentamento ao tráfico de pessoas é uma realidade que muitas

5. *Ibid.*, p. 157.

vezes pode assustar e até mesmo gerar certo sentimento de impotência. Afinal, são redes de tráfico humano, várias delas com ligações em vários países, com muito dinheiro e nenhum receio em usar de violência para alcançar seus fins. Seu lucro em geral é seguro e com pouco risco, pois são voláteis, não têm nacionalidade e facilmente deslocam suas bases e formas de atuação para driblar as fiscalizações e controles.

Mas nós, como cristãos e como cidadãos, seja por razões evangélicas, seja por um profundo senso de defesa dos direitos humanos, não podemos deixar que crianças, jovens e adultos – mulheres e homens – continuem a ser traficados e submetidos a todo tipo de sofrimento, ameaças, exploração, escravidão e vilipêndio de sua dignidade.

Na criança e no adolescente que perambulam pelas ruas, nos jovens que sonham em alcançar uma vida melhor por meio de “trabalhos” no exterior, nos adultos que buscam trabalho e oportunidade de vida digna e que são ludibriados com promessas enganosas, com poucas informações e praticamente nenhuma garantia real e em tantas outras situações de extrema pobreza e vulnerabilidade, há efetivamente um grito, ainda que muitas vezes silenciado pelo preconceito, pela discriminação e pela xenofobia.

A auspiciosa notícia de que o Papa Francisco acaba de constituir no Vaticano um grupo de trabalho sobre o tráfico de seres humanos e a escravidão contemporânea, com vistas a estabelecer um plano de ação para combatê-los, é ao mesmo tempo uma esperança, um chamado e um sinal para cada um e cada uma de nós. A Vida Religiosa é convidada a empenhar-se, a agir, a estar presente e atuar no enfrentamento a essas formas e ações de violação da dignidade dos filhos e filhas de Deus.

“O aumento alarmante do comércio de seres humanos é um dos graves problemas econômicos, sociais e políticos associados ao processo da globalização. E é uma séria ameaça para a segurança das nações e uma questão inadiável de justiça internacional”, disse Dom Marcelo Sánchez Sorondo, chanceler da Pontifícia Academia das Ciências, a quem o Papa confiou a organização da Comissão.⁶

6. Disponível em: <<http://www.zenit.org>>, notícias, 27 de agosto de 2013.

Oportuno, ainda, recordar a afirmação do Concílio Vaticano II, de que “a escravidão, a prostituição, o mercado de mulheres e de jovens e as ignominiosas condições de trabalho em que os trabalhadores são tratados como simples instrumentos e não como pessoas livres e responsáveis” são situações “vergonhosas” que arruinam a civilização humana, desonram quem se comporta desse modo e “ofendem profundamente a honra do Criador” e de suas criaturas.

Não podemos ignorar tantos apelos ou simplesmente seguir adiante sem nada fazer. Retomemos as palavras de Paulo VI: “Aquele que está animado de verdadeira caridade é engenhoso em descobrir as causas da miséria, encontrar os meios de combatê-la e vencê-la resolutamente”.⁷ Que animados por essa responsabilidade para com os irmãos e irmãs – a humanidade –, sigamos juntos no enfrentamento ao tráfico de pessoas, em sua prevenção e na solidária e fraterna acolhida e assistência a quem, seja qual for a razão, foi vítima desta hedionda forma de exploração.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, W. C.; MILESI, R. A Igreja no Brasil e o enfrentamento ao tráfico de pessoas: constituição de um Grupo de Trabalho na CNBB. In: CNBB. *II Seminário Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo*. Brasília: CNBB, 2012. p. 33-51.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Direitos Humanos. *III Programa Nacional de Direitos Humanos*. Brasília, 2010.
- MILESI, Rosita. A ação pastoral contra o tráfico (trata) de pessoas e a atenção e proteção às vítimas (anotações do Encontro Latino-Americano sobre Tráfico de Pessoas). In: CNBB. *Seminário Nacional sobre Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas*. Brasília: SNJ/MJ e CNBB, 2010. p. 49-53.
- MILESI, Rosita; SPRANDEL, Márcia. *II Seminário Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo*. Brasília: CNBB, 2012. p. 155.
- PONTIFÍCIO CONSELHO para os Migrantes e Itinerantes e Pontifício Conselho *Cor Unum*. *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força: diretrizes pastorais*. Cidade do Vaticano, 2013.

7. ANDRADE, W. C.; MILESI, R. A Igreja no Brasil e o enfrentamento ao tráfico de pessoas: constituição de um Grupo de Trabalho na CNBB. In: CNBB. *II Seminário Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo*. Brasília: CNBB, 2012. p. 51.

REIS, A. A. dos. Enfrentamento ao tráfico de pessoas: desafios pastorais. In: CNBB: *Seminário Nacional sobre Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas*. Brasília: SNJ/MJ e CNBB, 2010. p. 55-61.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como construir pastoralmente um caminho

Com esse lema, Francisco traz um recado para a Igreja que o escolheu: “Nós não podemos podar a misericórdia de Deus com a tesoura do legalismo. Misericórdia, porém, não significa – eis o discernimento inaciano! – nem auto-complacência com vícios internos da Igreja nem autorreferencialidade com uma espécie de ‘narcisismo teológico’”. A graça do chamado de Deus e sua misericórdia com a fragilidade daquele que foi chamado são o primeiro *Leitmotiv* na vida de Mario Bergoglio.

Na missa com os bispos da Jornada Mundial da Juventude, Francisco falou da “graça de termos na memória esse primeiro chamado”⁵ por Deus para permanecer com Jesus. “É precisamente a ‘vida em Cristo’ que garante nossa eficácia apostólica e a fecundidade de nosso serviço”.⁶ Deus vem ao nosso encontro através dos interlocutores. Por isso Francisco pediu, naquela noite de sua eleição, no dia 13 de março (2013), no balcão central da Catedral de São Pedro, a bênção do povo, e sempre pede aos seus interlocutores: “Rezem por mim”. Aos representantes da CLAR (Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas), no dia 10 de junho, pediu: “Rezem por mim para que eu me equivoque o menos possível”.

Bergoglio conhece seus limites como pessoa e como homem da Igreja, o que permite dispensar qualquer reconstrução heroica de seu passado ou idealização de seu futuro. Ele sabe que durante a ditadura militar, na Argentina, não foi nem herói nem colaborador.⁷ Foi e será um apóstolo vulnerável, como Pedro e Paulo. Ele se reveste de uma religiosidade popular caseira que não passou pela peneira de títulos acadêmicos ou leituras sofisticadas. Mas ao mesmo tempo vive a mística inaciana. Ele sabe também que o seu desejo de reformas da Igreja, com sua herança milenar e com auxiliares santos e pecadores, vai além de seu braço administrativo. Pelo reconhecimento desses limites, o povo está se apropriando de Francisco não só como “Papa dos humildes”, mas também como Papa humilde.

O segundo movimento, o *Leitmotiv*, que Francisco escolheu como resposta ao convite misericordioso de Deus, é

4. HIMITIAN, Evangelina. *A vida de Francisco: o Papa do povo*. São Paulo: Objetiva, 2013. p. 24s.

5. *Papa Francisco: mensagens*, p. 49.

6. *Ibid.*, p. 49s.

7. Cf. *El jesuita*, cit., capítulo 14 (“La noche oscura que vivió la Argentina”), onde Bergoglio descreve sua atuação durante a ditadura militar na Argentina. Tb. entrevista com Alicia Oliveira, ex-advogada do Centro de Estudios Legais e Sociales – CELS (22.03.2013), e outros depoimentos, em: HIMITIAN, Evangelina. *A vida de Francisco*, cit., p. 211-216.

o movimento do “ir ao encontro” com rumo certo. Ele sabe que Deus foi buscá-lo “no fim do mundo” e nas periferias humanas. Juntando a ação de Deus – escolhido por misericórdia e não por merecimento – com a resposta de Francisco – “ir ao encontro” com rumo certo –, poder-se-ia descrever o eixo da ação missionária deste Papa assim: o missionário Francisco foi “eleito pela misericórdia de Deus para construir uma cultura do encontro desde as periferias humanas”.

1. A moldura: cultura do encontro⁸

Durante uma congregação geral do pré-Conclave, que precedeu a sua eleição como Papa, o cardeal Bergoglio apresentou, sucintamente, sua visão de uma Igreja evangelizadora e missionária: “A Igreja é chamada a sair de si mesma”. Essa “saída de si mesma liberta a Igreja de sua autorreferencialidade [...]. Jesus bate de fora e de dentro nas portas da Igreja. [...] A Igreja autorreferencial quer Jesus Cristo dentro de si e não o deixa sair”.⁹ Essas poucas linhas representam indicadores essenciais para a construção de uma Igreja contracultural que se desloca para a periferia e, num mundo de aceleração, tem tempo para cuidar gratuitamente daqueles que padecem.

Em sua videomensagem do dia 7 de agosto, festa de São Caetano, celebrada com muita festividade na Argentina, sobretudo em Buenos Aires, o Papa Francisco explica para seus patrícios o significado desse

“sair de si mesmo” e “do encontro das pessoas que têm necessidade, daqueles que precisam da nossa ajuda, do nosso olhar de amor, da nossa participação no seu sofrimento, nas suas ansiedades e nos seus problemas. Mas o mais importante não é fitá-los de longe, ajudá-los à distância. Não, não! É ir ao seu encontro. Isto é cristão! É isto que Jesus ensina: ir ao encontro dos mais necessitados. Como Jesus, que ia sempre ao encontro das pessoas. Ele ia ao seu encontro. É preciso ir ao encontro dos mais necessitados”.

8. Mario Bergoglio começou cedo a desenvolver reflexões originais sobre a “cultura do encontro”. Cf. *El jesuita*, cit., capítulos 7 (“El desafío de salir al encuentro de la gente”) e 11 (“La construcción de una cultura del encuentro”).

9. Intervenção do cardeal Bergoglio no pré-Conclave e itinerário do texto, disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Notícias, 26.03.2013.

Depois contou que ele às vezes pergunta às pessoas: “Você dá esmola?” Dizem para mim: ‘Sim, padre’. – ‘E quando você dá a esmola, olha nos olhos da pessoa a quem você dá a esmola?’ – ‘Ah, não sei, não me dou conta disso’. – ‘Então você não encontrou a pessoa. Você jogou a esmola e foi embora. Quando você dá a esmola, você toca a mão ou joga a moeda?’ – ‘Não, joga a moeda’. ‘E então não o tocou. E se não o tocou, não o encontrou. Aquilo que Jesus nos ensina, antes de tudo, é encontrar-se e ajudar encontrando’”.¹⁰ E Francisco continua sua catequese aos patrícios:

Jesus ensina-nos, antes de tudo, a encontrar-nos e, encontrando, a ajudar. Devemos saber encontrar-nos. Temos que edificar, construir uma cultura do encontro. Quantas divergências, problemas em família, sempre! Problemáticas no bairro, no trabalho, em toda parte. E as divergências não ajudam a cultura do encontro. [...] Jesus ama-vos muito! São Caetano ama-vos muito! E só vos pede uma coisa: que vos encontreis uns aos outros! Que andeis, procureis e vos encontreis com os mais necessitados!

Para Francisco, o encontro tem um caráter sacramental que se completa na “paciência de escutar”: “Saibamos perder o tempo com eles (os jovens). Semear custa e cansa”.¹¹ A paciência de escutar é mais importante do que a fala normativa, imperativa e impaciente que quer que o outro assuma nossas convicções.

Por causa do caráter quase sacramental que Francisco atribui ao encontro, ele questiona o discurso de convencimento e pergunta:

Vais convencer o outro a tornar-se católico? Não, não, não! Vais encontrar-se com ele, é o teu irmão! E isto é o suficiente. E você vai ajudá-lo; o resto é feito por Jesus, o Espírito Santo faz. [...] E talvez Jesus te indique o caminho para te encontrares com quem tem maior necessidade. Quando te encontrares com quem tem maior carência, o teu coração começará a aumentar, a crescer, a dilatar-se! Pois o encontro multiplica a capacidade de amar.¹²

10. Videomensagem em: Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé, 07/08/13.

11. Papa Francisco: mensagens, p. 51.

12. Videomensagem, cit.

Francisco é avesso ao “assédio espiritual” e à redução da religião a prescrições e castigos pelo não cumprimento das “obrigações”.¹³ Bem na linha da *Evangelii nuntiandi* (1975), de Paulo VI, o Papa Francisco sabe que “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41). E Bergoglio cita a expressão de Bento XVI, que ele qualifica de muito bonita: “A Igreja é uma proposta que chega por atração, não por proselitismo”.¹⁴ Por isso, ele prefere o discurso de testemunhas convencidas e convincentes na certeza de que Jesus e o Espírito Santo fazem “o resto”. Nosso “ir ao encontro” abre a porta para que aquele que foi encontrado por nós se encontre com Jesus.

2. A radiação: o diálogo

A moldura tem uma influência importante sobre o quadro. Ela chama a atenção, dá realce e brilho. O brilho, com que a cultura do encontro inunda o quadro da missão, é o diálogo. Ao chegar a Roma, o cardeal Jorge Bergoglio já pôde falar de uma longa amizade e de diálogos profundos com o rabino de Buenos Aires: “Com Skorka nunca tive de negociar minha identidade católica, assim como ele não o fez com sua identidade judaica, e isso não só pelo respeito que temos um pelo outro, mas também porque assim concebemos o diálogo inter-religioso”.¹⁵

No livro que o cardeal editou com o rabino, Francisco interpreta o frontispício da Catedral de Buenos Aires, que representa o encontro de José do Egito com seus irmãos, depois de décadas de desencontros, como um convite ao diálogo. O abraço com os irmãos “envolve pranto, e também uma pergunta íntima: ‘meu pai ainda vive?’. O diálogo ecumênico e inter-religioso envolve muito pranto, dores, perdas. Nossas relações são marcadas por brigas identitárias, por verdades e vaidades. Às vezes, chegamos a nos identificar mais com os construtores de muralhas do que com os de pontes. Faltam o abraço, o pranto e a pergunta pelo pai, pelo patrimônio, pelas raízes da pátria. Há carência de diálogo”.¹⁶ Depois o Papa conta que foi várias vezes convidado

13. Cf. BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre o céu e a terra*. São Paulo: Paralela, 2013. p. 182.

14. *Ibid.*, p. 183.

15. *Ibid.*, p. 12s.

16. *Ibid.*, p. 11.

à sinagoga do rabino, e ele o convidou a falar aos seus seminaristas. Também os evangélicos convidaram Bergoglio ao Luna Park, com 7 mil pessoas presentes. O pastor evangélico pediu que todos rezassem pelo cardeal católico. “Quando todos rezavam, a primeira coisa que me ocorreu”, relata Bergoglio, “foi me ajoelhar”. Um jornal falou depois do delito de apostasia cometido pelo arcebispo. “Para eles, orar junto aos outros era apostasia. Mesmo com um agnóstico, em sua dúvida, podemos olhar juntos para cima e buscar a transcendência. Cada um reza segundo sua tradição, qual é o problema?”¹⁷

Da experiência vivida, nasce o aprendizado afetivo e racional:

O diálogo nasce de uma atitude de respeito pela outra pessoa, de um convencimento de que o outro tem algo de bom a dizer; implica abrir um lugar em nosso coração para seu ponto de vista, sua opinião e sua proposta. Dialogar implica uma acolhida cordial e não uma condenação prévia. Para dialogar é preciso saber baixar as defesas, abrir as portas de casa e oferecer calor humano.

O diálogo vai muito além do diálogo inter-religioso. É diálogo com o mundo como ele é, com suas esperanças e angústias, suas culturas e classes sociais. O diálogo, por ser intercultural, exige, além de um grande esforço de inculturação, um conhecimento de múltiplas línguas e linguagens.

3. Os destinatários: habitantes de periferias

Em suas viagens, quantas vezes Francisco baixa a janela do carro, pede para ir ao encontro de uma mãe com criança ou de um deficiente físico. Em sua pastoral, ele vai ao encontro dos prisioneiros, dos enfermos, dos refugiados. O sair de si e o sair ao encontro têm o rumo certo das periferias, “não apenas as geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e da recusa religiosa, do pensamento, de toda miséria”.¹⁸ Fazer-se presente nessas periferias significa

17. Ibid., p. 172.

18. Intervenção, cit.

seguir Jesus encarnado, “o Deus feito homem, que se fez nosso irmão” (DAp 392). No encontro com a diretiva da CLAR, o Papa mencionou a corrente gnóstica, na Igreja, que “pula a encarnação. [...] O Verbo se fez carne, e na América Latina temos carne aos montes! O que acontece com os pobres, as dores, essa é nossa carne”.¹⁹ Aparecida aponta para “duas categorias pastorais [...]: a proximidade e o encontro”,²⁰ uma prefigurada em Deus-Emanuel, Deus conosco, e a outra naquele Deus “que sai ao encontro do seu povo”. É uma especificação da opção preferencial pelos pobres e excluídos: “Os rostos sofrendores dos pobres são rostos sofrendores de Cristo” (DAp 393). Ela é preferencial porque “deve atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp 396).

Com a eleição do Papa Francisco, a opção evangélica e latino-americana pelos pobres está tomando assento na cátedra de São Pedro. Assim, todo o catálogo de reformas que se estabeleceu para esse pontificado ganhou um critério e um objetivo evangélico: livrar a Igreja do entulho moral e pastoral e dos fardos desnecessários que a impedem de ir ao encontro dos mais necessitados e de incentivar os pobres a fazer da Igreja a sua casa (cf. DAp 8).

No diálogo com o rabino de Buenos Aires, Abraham Skorka, Bergoglio explica sua visão sobre os destinatários da evangelização a partir da parábola do Juízo Final (Mt 25,31ss): No cristianismo, a atitude diante da pobreza e o compromisso com pobre têm que ser “corpo a corpo”.²¹ A atividade das instituições que prestam um determinado serviço social “não é suficiente, não exime da obrigação de estabelecer contato com o necessitado”, cuidar do doente, visitar o preso, ter “contato com a base”. Esse “primeiro atendimento à pobreza é do tipo assistencial”, mas o pobre não deve ser um eterno marginalizado:

É imprescindível incorporá-lo o quanto antes a nossa comunidade. [...] O que degrada o pobre é não ter esse óleo que o unge de dignidade: o trabalho. Não devemos ter nojo do pobre, temos que olhá-lo nos olhos. [...] A obrigação do cristão é integrar o mais desvalido à comunidade, como for possível, mas integrá-lo de alguma maneira.²²

19. Diálogo com a diretiva da CLAR. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Notícias, 12.06.2013.

20. Papa Francisco: mensagens, p. 95s.

21. BERGOGLIO; SKORKA, *Sobre o céu e a terra*, cit., p. 135.

22. Ibid., p. 135s.

Bergoglio, que trabalhou desde seus 13 anos, ou nas férias ou combinado com seus estudos, sempre relacionou o trabalho com a dignidade da pessoa. O filho de imigrantes conta: “Os imigrantes não toleravam o filho ou o neto desocupado: o faziam trabalhar”.²³

4. O lugar de partida: a paróquia

Em várias ocasiões, o Papa Francisco insistiu no caráter missionário da paróquia. Em comunidades e paróquias se realiza o “ir ao encontro”, seja nas periferias urbanas, continentais ou do mundo globalizado. E essas periferias podem ser próximas ou distantes, geográficas, sociais, culturais ou psicológicas. No mundo globalizado, a missão *ad gentes* passa na porta de casa. Em sua homilia da Santa Missa com bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas (27.7.2013), por ocasião da Jornada Missionária da Juventude (JMJ), o Papa sintetizou seu pensamento sobre a paróquia:

Não podemos ficar enclausurados na paróquia, em nossa comunidade, em nossa instituição paroquial [...], quando tantas pessoas estão esperando o Evangelho. Sair, enviados. Não é um simples abrir a porta para que venham, para acolher, mas sair pela porta para buscar e encontrar. Animemos os jovens para que saiam. É possível que vão fazer bobagens. Não tenhamos medo! Os apóstolos as fizeram antes de nós. [...] Pensemos com determinação na pastoral a partir da periferia, começando pelos que estão mais afastados, pelos que não costumam frequentar a paróquia.²⁴

O Evangelho esperado nas periferias é o Evangelho do encontro com o “Enviado do Pai” que nos precede nos pobres. A paróquia missionária, segundo o Papa Francisco, é um espaço aberto e não burocrático. Aparecida dizia: “Uma paróquia, comunidade de discípulos missionários, requer organismos que superem qualquer tipo de burocracia” (cf. DAp 203), para acolher e enviar, um espaço pensado a partir das periferias geográficas e sociais, um território sem fronteiras onde se promove a cultura do encontro. A proposta

23. *O jesuíta*, cit., p. 35.

24. Papa Francisco: mensagens, p. 51s.

não é de abandonar as paróquias, mas de dinamizá-las pela proximidade e misericórdia.

Como vai acontecer isso? “Somos muitas vezes controladores da fé, em vez de facilitadores”, disse o Papa ao referir-se a normas que proíbem batizar uma criança filha de mãe solteira. “Jesus instituiu sete sacramentos e, com esse tipo de atitude, estamos criando um oitavo, o sacramento da alfândega pastoral”,²⁵ admitiu.

A Igreja do primeiro século decidiu “não impor nenhum fardo” (At 15,28) desnecessário aos seguidores de Jesus. Precisamos ampliar as fronteiras pastorais, redefinir os destinatários preferenciais a partir das periferias e transformar os destinatários paroquiais em agentes de pastoral! A transformação da paróquia tem de levar em conta essa “vida concreta da humanidade”, seus horários e itinerários, seu lazer e trabalho, seus espaços de vida e suas redes de comunicação.

Tudo isso nos lembra de *Medellín*, que já prometeu em 1968 a revisão de “uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização” (DM 6,1), cobrou dos sacerdotes “uma especial solidariedade de serviço humano, expressa numa viva dimensão missionária” (DM 6,17) e sonhou com “uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal” (DM 5,15). Aparecida repete tudo isso ao propor uma paróquia “casa dos pobres” (DAp 8) e samaritana (DAp 176), desburocratizada (DAp 215) e profética (DAp 220, 342, 414, 451) e com estruturas novas de participação (DAp 365), missionária (DAp 173, 306) e pascal (DAp 267).

“Aparecida”, diz Francisco, “não termina com um documento, mas prolonga-se na Missão Continental”, que tem duas dimensões: “programática e paradigmática”. A primeira se refere a “atos de índole missionária”. A segunda, a missão paradigmática, por sua vez, “implica colocar em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares”.²⁶ A Missão Continental é o desdobramento do imperativo vivencial da natureza missionária na paróquia: A “mudança de estruturas não será o resultado de um organograma funcional eclesialístico, de que resultaria uma reorganização

25. Dia 25 de maio, durante a Missa na Casa Santa Marta, o Papa Francisco lamentou as portas fechadas da Igreja pelos fiscais da fé (fonte: Rádio Vaticana).

26. Papa Francisco: mensagens, p. 89.

estática, mas é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar as corações dos cristãos é justamente a missionariedade”.²⁷

5. O método: partir da realidade (indutivo)

Em seu discurso à Comissão do CELAM, dia 28 de julho, o Papa Francisco destacou, como primeira entre “quatro características” da Conferência de Aparecida, seu “início sem documento” e sem “uma espécie de *Instrumentum laboris*”, com base no qual se poderia desenrolar “a discussão, a reflexão e a aprovação do documento final”.²⁸

O próprio Vaticano II (1962) já tinha dado esse sinal à Cúria Romana: “Por favor, deixem-nos começar sem censuras prévias travestidas de *Documentum laboris!*”. Na época, Roma havia preparado textos, e os bispos do mundo inteiro deveriam adaptá-los em tempo recorde. Mas os padres conciliares não aceitaram esse procedimento.

O que o Papa queria dizer com essa ênfase num começo “sem documento”? Referia-se aos “Instrumentos de Trabalho”, com posições previamente marcadas, como já era costume nos Sínodos Romanos depois de Paulo VI. Nesses Sínodos, os “Instrumentos” previamente escritos se tornaram *Instrumentum simulationis* de colegialidade com escassa interlocução entre a Igreja de Roma e as outras Igrejas Particulares. O sucesso de um método de trabalho missionário exige compartilhar as experiências das nossas realidades. As Conferências Episcopais são um espaço vital para a partilha dessas experiências. O Papa Francisco rompe com a visão de seus predecessores, que minimizaram a autonomia de estruturas nacionais: “Faz falta, pois, uma progressiva valorização do elemento local e regional. Não é suficiente a burocracia central, mas é preciso fazer crescer a colegialidade e a solidariedade; será uma verdadeira riqueza para todos”.²⁹ O método indutivo não funciona numa Igreja centralizada. Com a distância da realidade diminui a capacidade de entendê-la. Mas também a proximidade não garante a visão correta.

27. Ibid., p. 89s.

28. Ibid., p. 88.

29. Ibid., p. 68. Cf. DAp 181-183; 189.

Em Aparecida “foi usado, e está bem, o método ‘ver, julgar, agir’” (cf. DAp 19). Mas “o ver está sempre condicionado pelo olhar. Não há uma hermenêutica asséptica. Então a pergunta era: Com que olhar vamos ver a realidade? Aparecida respondeu: Com o olhar de discípulo”.³⁰ Mas o olhar do discípulo não é autônomo. Também o olhar do pobre não é isento de interpretações ideológicas e alienantes. As ciências humanas podem-nos ajudar a decifrar os enigmas da história; podem facilitar a fé, mas não a substituem. Também a fé pode tornar-se autorreferencial. A questão do método precisa ainda mais de discernimento.

Com Aparecida, Francisco parte em suas análises e propostas das coisas da vida concreta, e essa vida concreta é vista com os olhos de sua fé, sem confundir os níveis científicos e teológicos. Os olhares são complementares e a questão é complexa.³¹ Na própria sucessão dos papas experimentamos esses olhares diferentes e complementares.

O pensamento indutivo dá voz de intervenção à realidade concreta. Assim temos de interpretar os gestos do Papa Francisco, sua ida à pequena ilha de Lampedusa, onde chamou a atenção para a vida, miséria e abandono dos refugiados políticos e sociais. Se as palavras do Papa forem esquecidas, o gesto ficará gravado na memória.

Na Jornada Mundial da Juventude, antes de pronunciar discursos programáticos, Francisco visitou jovens no Hospital São Francisco de Assis na Providência de Deus, que se dedica à recuperação de dependentes químicos e indigentes, se reuniu com a Comunidade da Varginha, que faz parte de uma grande favela, e se encontrou com jovens detentos. A “conversão pastoral” depende dessa voz da realidade que interfere sobre nossos discursos e textos. “Quanto ao método, é decisivo lembrar que uma herança sucede como na passagem do testemunho, do bastão, na corrida de estafeta [...]. Para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar, transmitir essa herança”.³² A análise da realidade acontece no encontro com ela, na dor, na fome, na prisão, nas múltiplas perdas que a vida impõe aos sobreviventes.

30. Ibid., p. 92s.

31. Cf. SUESS, Paulo. O que é o real? Fragmentos para situar uma pergunta ontológica em contextos sócio-históricos, em: *Concilium* 347 – 2012/4, p. 131-135.

32. Papa Francisco: mensagens, p. 69.

Como a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, do Vaticano II, também o Papa Francisco assumiu o discurso indutivo, partindo da vida concreta da humanidade, de suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (cf. GS 1). Ele procura olhar nos olhos do outro. Seu ponto de partida para a missão da Igreja é o sofrimento concreto das pessoas, a indignação com a fome e a ganância, com a solidão e o abandono, com a falta de solidariedade e com a negação de reconhecimento. A indignação nos torna vulneráveis. “A vulnerabilidade”, disse Lévinas, e poderia ser dito por Francisco, “é obsessão pelo outro ou proximidade do outro. [...] Sofrer pelo outro é ser responsável por ele, suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-se por ele”.³³

6. Da autorrelevância à autocrítica

A “conversão pastoral” permanente faz parte do “estado permanente de missão”, da natureza e do método missionários. Nesse particular diz o Papa: “estamos um pouco atrasados”.³⁴ Nas entrelinhas Francisco nos diz: “Não vamos lamentar as misérias da Igreja, mas assumir a nossa responsabilidade nessas misérias. Vamos dar dois passos da autocomplacência e autorrelevância à autocrítica”. Assim ele reflete sobre:

O mistério difícil das pessoas que abandonam a Igreja; de pessoas que, após deixar-se iludir por outras propostas, consideram que a Igreja – a sua Jerusalém – nada mais possa lhes oferecer de significativo e importante. E assim seguem pelo caminho sozinhos, com a sua desilusão. Talvez a Igreja lhes apareça demasiado frágil, talvez demasiado longe das suas necessidades, talvez demasiado pobre para dar resposta às suas inquietações, talvez demasiado fria para com elas, talvez demasiado autoreferencial, talvez prisioneira da própria linguagem rígida, talvez lhes pareça que o mundo fez da Igreja uma relíquia do passado, insuficiente para as novas questões; talvez a Igreja tenha respostas para a infância do homem, mas não para a sua idade adulta (cf. DAp 225).³⁵

33. LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 119.

34. Papa Francisco: mensagens, p. 97.

35. *Ibid.*, p. 64.

Perante essa situação, Francisco não fala da “nova evangelização”, mas do sonho de uma nova eclesiologia, do movimento dinâmico:

- de “uma Igreja que acompanha o caminho, pondo-se em viagem com as pessoas”;
- de “uma Igreja capaz de decifrar a noite contida na fuga de tantos irmãos e irmãs”;
- de uma Igreja capaz ainda de devolver a cidadania a muitos de seus filhos que caminham como em um êxodo”;
- de “uma Igreja que se dê conta de como as razões, pelas quais há pessoas que se afastam, contém já em si mesmas também as razões para um possível retorno, mas é necessário saber ler a totalidade com coragem”;
- de “uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta”;³⁶
- de “uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de ‘feridos’, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor”;³⁷
- “de uma Igreja que volte a dar calor, a inflamar o coração”,³⁸ que sabe abrir brechas no desencanto que se está alastrando sobre o futuro.

O sonho é como o horizonte, que faz andar. Mas o horizonte precisa, às vezes séculos, para se tornar estrada. O regime patriarcal da Igreja não é divino; é histórico. Exige transformações culturais que são transformações de longo prazo. Temos que ter isso em mente, quando lemos as respostas de Francisco sobre a mulher na Igreja:

- “Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade”.³⁹
- “Nossa senhora, Maria, é mais importante que os apóstolos. A mulher na Igreja é mais importante que os bispos e os padres”.⁴⁰

36. Cf. *ibid.*, p. 65.

37. *Ibid.*, p. 69.

38. *Ibid.*, p. 67.

39. *Ibid.*, p. 69.

40. Entrevista coletiva do Santo Padre Francisco durante o voo de retorno, em: Papa Francisco: mensagens, p. 120.

41. Papa Francisco: mensagens, p. 117.

42. *Ibid.*, p. 119s.

- “O papel da mulher na Igreja não é só maternidade, a mãe da família. É muito mais forte. A mulher ajuda a Igreja a crescer”.⁴¹
- “Sobre a ordenação das mulheres, a Igreja já falou e disse que não. João Paulo II disse com uma formulação definitiva. Aquela porta é fechada”.⁴²

Também para Francisco, que é o homem de portas abertas, existem portas fechadas. Como se deve agir, se essas portas fechadas estorvam a conversão pastoral, portanto, a missão da Igreja? Mas atos discriminatórios nunca são questões fechadas! Também neste particular precisamos mais discernimento.

Podemos fazer algo e devemos fazer mais! A conversão pastoral é concreta, comunitária, revolucionária. “Tenham a coragem de ‘ir contra a corrente’”, pediu Francisco ao despedir-se dos voluntários da JMJ: “Sejam revolucionários!”.⁴³ Ir ao encontro significa se colocar na estrada da contracorrente, da contramão cultural da nossa época. “Proximidade” e “encontro” não são chaves mágicas para harmonizar todos os conflitos na e com a Igreja. Levam-nos de volta à Jerusalém e ao abandono. Francisco nos consola lembrando o mandamento maior: “Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor!”. Nada é “mais forte que a força escondida na fragilidade do amor”.⁴⁴

43. Ibid., p. 99.

44. Ibid., p. 66.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. “Proximidade e encontro”, no título do texto, referem-se a Deus. Como a VR do Brasil dá vida a essas duas palavras?
2. O encontro, de caráter sacramental, se completa na paciência de escutar, de saber “perder” tempo com os jovens. A VR do Brasil tem paciência de escutar? Ou prefere a fala normativa, imperativa e impaciente que quer que o outro assuma nossas convicções?
3. O Papa Francisco diz que estamos um pouco atrasados em relação à “conversão pastoral” e fala do sonho de uma nova eclesiologia. Como o Papa sonha a nova Igreja?

A formação para a VRC no contexto das Novas Tecnologias*

PE. ADALTO LUIZ CHITOLINA, SCJ**

* Texto de referência usado na elaboração deste material: RIC-CIERI, Pina. “Formação ao alcance de um clique. Comunicação digital: desafios e oportunidades”. Conferência apresentada no 1º Seminário de Comunicação, promovido pela CRB Nacional, em São Paulo, de 01 a 04 de novembro de 2012.

** **Pe. Adalto Luiz Chitolina**, Dehoniano, é jornalista, mestre em Psicologia, membro e fundador do IATES – Curitiba (www.iatescuritiba.com.br). **Endereço do autor:** Casa Padre Dehon, Rua Felipe Schmidt, 574, CEP 88351-970, Brusque-SC. **E-mail:** adaltoiates@uol.com.br.

Introdução

Quem tem a responsabilidade de educar e formar pessoas que estão sob seus cuidados não pode ignorar a problemática que se levanta em relação às Novas Mídias (Novas Tecnologias). Ao mesmo tempo, também é verdade que nem todos sabem para que direção seguir, pois o emaranhado de possibilidades que surge a partir dessas tecnologias nos deixa pasmos. Por ora, tenho a impressão de que nos preocupamos mais com os riscos que nos ameaçam do que com a potencialidade que se nos apresentam. É o que me proponho a discorrer nas linhas que seguem.

A percepção...

Enquanto observo os muitos contatos que mantenho com o universo da formação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC), tenho a sensação de que estamos “correndo atrás do prejuízo”, relativamente atrasados em relação aos avanços das tecnologias. Parece que, seguros de nós mesmos, temos caminhado sem dar muita importância a isso tudo, mantendo-nos à distância, como se fosse algo que não nos atingiria. Nossas certezas se mostravam invulneráveis a esse mundo. Nossos problemas nessa área sempre se resolveram de forma bem simples: uma televisão comunitária, um aparelho de som *comunitário*, um computador *comunitário*, um telefone *comunitário* e pronto! Contudo, vamos nos dando conta agora de que as coisas tomaram um rumo bem diferente. E nossas atitudes tradicionais, embora sadias e bem-intencionadas, já

não respondem às problemáticas emergentes. Estamos sendo empurrados a pensar e a agir de acordo com o contexto em que vivemos.

E, a bem da verdade, não sabemos bem o que fazer! O medo e a insegurança nos apontam numa direção; o bom senso e a prudência nos dizem que precisamos ir para outra. E, aos outros tantos desafios que precisamos enfrentar na formação, junta-se também este: o uso responsável e inteligente das novas mídias.

Uma coisa é certa: já não serve pensar ou perguntar, hoje, se devemos ou não permitir o acesso a essas tecnologias a quem está na caminhada formativa. Essa pergunta não cabe mais. E nem as outras que dela decorrem: pode-se ou não usar o telefone celular (hoje substituído pelo smartphone)? O notebook? O tablet? A internet? As redes sociais? Penso que, continuando com estas perguntas, estaremos cada vez mais fora do contexto! As perguntas a serem feitas hoje, no meu entender, são outras: como ajudar os jovens formandos a utilizarem de forma responsável e madura toda essa tecnologia? Que estratégias usar para que todo esse aparato tecnológico os ajude a crescer e a ser mais ousados na missão que os espera? Como fazer para que a nossa ação formativa seja uma ajuda na construção de um processo de reflexão perante tudo isso, sem cairmos no perigo do tudo pode ou nada pode, ou na ambiguidade do cada um se vira?

Ronaldo Henn, na Revista *IHU Online* (2012, p. 41)¹ diz que “... temos ferramentas inéditas de contrapoder ou resistência e o desafio que se coloca é como utilizá-las...”; o que torna evidente que uma postura de medo e desconfiança em relação a essas mídias não ajudará na construção de uma consciência para o uso adequado e proveitoso de toda tal potencialidade. Portanto, conhecer mais e adaptar-se aos novos tempos tecnológicos estão entre os desafios que o serviço da formação em todas as etapas precisa enfrentar com serenidade e objetividade.

As perguntas...

Diante do atual cenário de tantas inovações, é inevitável que os formadores se deparem com estas interrogações:

1. *IHU online*, ed. 400, São Leopoldo, 27 de agosto de 2012, p. 41.

- O que significa formar as novas gerações que provêm da sociedade digital?
- Como integrar o uso das mídias na formação para a VRC?
- Quais as vantagens e os limites do seu uso na formação?
- Que competências deve o formador ter dentro desse novo contexto?

E, claro, não sem surpresa, as respostas são escassas. Com relutância nos permitimos perguntar. Há quem ainda não tenha se permitido nem isso e simplesmente adota a postura da proibição. O que se sabe é que já não há como impedir que essa avalanche tecnológica nos atinja. Todos sofreremos suas consequências e nos serviremos de seus benefícios, queiramos ou não! Então, antes de sermos sufocados por ela, a melhor postura é nos colocarmos em situação de aprendizagem com ela e a partir dela. À medida que nos perguntarmos sobre as novas tecnologias, por certo crescerá a possibilidade de acertarmos na caminhada.

A formação...

Já não se pode ignorar o poder das mídias. Elas estão aí e tomam conta de todos os espaços. O celular nos acompanha sempre e para muitos é um aparato indispensável, em razão de suas atividades; com ele e um fone de ouvido, acompanhamos o que acontece no mundo em tempo real, pois sua função de rádio nos permite isso; ou nos desligamos do que nos circunda, embebendo-nos na música que nos apraz, pois ele também é MP3... e se ele for um smartphone, as possibilidades, então, serão ainda maiores, pois a conexão com a Rede Net nos leva a múltiplas opções. O computador pessoal (PC) é um instrumento de uso corriqueiro; já não é um equipamento reservado a poucos, pois ele facilitou muito a vida de todo mundo. E, nessa direção, o que vem surgindo a reboque, como os tablets e outras tantas plataformas, que até temos dificuldade de acompanhar, vão conquistando o seu espaço.

De sorte que é difícil dizer, hoje, que alguém não seja atingido de alguma forma pelas mídias que estão surgindo sempre mais numerosas e tecnologicamente avançadas. Pensemos no cotidiano de cada um e tentemos nos imaginar sem o seu benefício!

Seguindo o fluxo, o processo formativo, com urgência, precisa considerar essa realidade. Isto é, a formação para o uso das novas tecnologias é premente na Vida Religiosa Consagrada e se apresenta como uma exigência a ser contemplada nos nossos planos formativos. Não é mais suficiente pensar casuisticamente, vigiando e proibindo! E dado que vivemos um tempo impregnado de midialidade, temos o enorme desafio de repensar (ou pensar?) a formação em relação às tecnologias digitais. Em vez de nos protegermos delas, ainda é tempo de nos prepararmos para conhecer melhor e para usarmos tudo isso de forma crítica e responsável.

A realidade...

Nossa realidade caracteriza-se por mudanças velozes e constantes que geram instabilidade, incerteza, insegurança e até desorientação nas pessoas. Tudo é muito rápido e bastante volátil, especialmente no mundo das tecnologias. E quanto mais frágil for a pessoa, ou quanto mais distante de si ela estiver, mais será afetada por essa fugacidade tecnológica. Ao mesmo tempo, as tecnologias digitais estão mudando os parâmetros da sociedade e da cultura (veja-se a forma como se escreve nas redes sociais); estão mudando o nosso modo de entender o espaço e o tempo, a identidade, o senso de pertença, as relações, a aprendizagem... praticamente, estamos num processo de mudança de tudo. Os laços entre as pessoas são mais frágeis e mais voláteis, e é difícil alimentá-los por períodos prolongados. Não entremos no mérito disso, se é bom ou não. Demo-nos conta de que é esta a realidade!

Enfim, está mudando o modo como o ser humano pensa sobre si mesmo! E a formação para a VRC está nesse contexto, não nos esqueçamos!

Os formandos...

Vale lembrar que os formandos vieram desta realidade, com todas as suas implicâncias e consequências. Além do que, tenhamos presente, para os jovens que estão na formação, antes de seu ingresso conosco, essas mídias eram instrumentos de consumo ordinário, tanto na vida pessoal quanto em seus ambientes de trabalho. Elas faziam parte de seu viver, não eram algo estranho ou separado de seu mundo. E mais, muitos deles, quando vêm a nós, já trazem consigo diversos aparelhos com múltiplas funções comunicativas, o que faz surgir a nossa grande dificuldade: como verificar se seu uso é adequado e consciente sem assumir uma postura de mero controle?

Os formadores...

Mediante este cenário, algumas considerações sobre a postura de quem está à frente do processo formativo.

Um/a formador/a precisa...

... Conhecer melhor as mídias digitais e servir-se delas, abandonando a lógica do medo (*da internet e das demais inovações tecnológicas*), tendo presente que esse novo traz insegurança e ameaça aos nossos esquemas que até hoje funcionaram e, por certo, foram bons. Arriscar-se em algo novo é ter a coragem de deixar o conhecido para embrenhar-se em algo que ainda não dominamos, mas nem por isso deve ser desprezado. É sinal de maturidade saber despojar-se do que nos dá alguma garantia para aventurar-se em direção ao novo que nos desafia.

... Saber que estar na Rede não é uma questão de moda, algo opcional, mas hoje é uma necessidade real, independentemente de nossa concordância ou não. Os avanços tecnológicos continuarão acontecendo e se intensificando, não obstante nossa discordância.

... Saber reconhecer as mudanças qualitativas que derivam da presença das mídias digitais em todos os ambientes, também na Vida Religiosa Consagrada. Ir além da questão do

ter este ou aquele aparelho específico; não convém negar as mudanças qualitativas que as mídias provocam onde estamos, desde que as saibamos usar.

... Aprender a pôr-se perguntas sobre aquilo que se vê, o que se pensa e sobre como se responde. São as perguntas que levam o indivíduo à reflexão. E isso se torna fundamental no ambiente formativo.

... Ter critérios claros e capacidade de fazer escolhas (também nesse campo das novas tecnologias) segundo os valores da VRC. Sem esquecer que é preciso distinguir entre os valores proclamados e os valores internalizados.² Na formação, ter presente que serão mais facilmente internalizados os valores percebidos do que os valores proclamados.

... Integrar essas tecnologias às estratégias formativas tradicionais, estimulando para o seu uso correto, consciente e responsável. Ou seja, requalificar a nossa ação formativa atribuindo valor ao que surge em decorrência do uso da Rede (e outras tecnologias).

... Adotar estas três posturas: *Aprender, Acompanhar e Testemunhar*. Aprender a usar as novas tecnologias; acompanhar o uso que os formandos fazem delas e testemunhar o uso consciente e responsável no ambiente onde se vive (a questão dos valores percebidos).

... Estimular a capacidade de refletir, de pensar criticamente, de vigiar as próprias escolhas cotidianas e os critérios que as guiam, tendo presente a própria opção de vida.

... Educar sem proibir o uso das tecnologias; propor sem impor determinados comportamentos; promover sem controlar o uso das mídias digitais, mesmo correndo riscos! O medo de correr riscos não educa, apenas cria situações aparentemente corretas, e quando não houver mais cerceamento externo, o indivíduo precisa recorrer aos princípios aprendidos, do contrário, ele se perde.

Riscos e perigos...

Os perigos e os riscos nesse ambiente digital são muitos. Não tenho a intenção de classificá-los em maiores ou

2. Internalização, neste caso, significa tornar interno um valor que foi apresentado externamente. Alguém internaliza um valor quando se apropria dele e o torna seu (interno), a tal ponto que seja suficiente para movê-lo à ação, independentemente do ambiente externo.

menores, apenas mencionarei alguns deles, quem sabe os mais evidentes no nosso contexto de VRC.

O primeiro deles é o perigo do narcisismo digital, quando o sujeito que usa a mídia se torna o foco; ele mesmo é a informação e todos os conteúdos publicados ou divulgados são conteúdos autorreferentes. Como se ele fosse o centro do mundo! Repete-se a história de Narciso, só que agora o espelho não é a água, mas a tela! O que diz respeito a cada um terá sim sua importância, mas o que leva alguém a sempre caminhar nessa mesma trilha da autorreferência?

Outro risco é o do uso incorreto e irresponsável das mídias, o que levará a um empobrecimento existencial, a viver na superficialidade, com reflexo necessariamente na vida real. É bom ter presente que tudo é possível quando se está *sozinho* diante de um teclado e uma tela, especialmente quando se está distante de si próprio. A solução imediata e inconsciente que buscamos diante de uma frustração ou algo que não esteja bem é sempre o prazer; portanto, quanto mais consciente de si a pessoa estiver, mais probabilidade terá de lidar de forma madura com os fatos reais de sua vida. Por isso, uma vivência de maior interioridade e de contato consigo mesmo ajudará enormemente na formação para o uso desses meios.

A dependência ou a busca de gratificação afetiva on-line é outro perigo. Como consequência, o indivíduo passa a viver uma *proximidade distante* com os membros da sua própria comunidade. Haverá uma proximidade física, mas não vital, espiritual, o que não o alimentará em sua caminhada. E mais, esse distanciamento da comunidade real vai gerar relações mais formais e menos fraternas, portanto, menos fortalecedoras de afetividade. Com sua afetividade fragilizada, o sujeito vai procurar compensações... e então o ciclo vicioso se fecha!

Por conta dessa possibilidade de criar um mundo “virtual” à parte, o indivíduo pode usar desses meios (digitais), ainda que inconscientemente, para escapar dos problemas comunitários reais. Ele se isola da comunidade *off-line*, refugian-do-se nas suas comunidades *on-line*, onde as possibilidades de confronto são muito remotas. E aqui cabe lembrar que as relações mediadas pela Rede, ainda que existentes, serão

sempre incompletas, pois para o amadurecimento do indivíduo é necessária a integração na realidade da vida comum, no cotidiano da existência real. Se quisermos, é importante estar conectados, mas é preciso estar em comunhão!

Menciono ainda, embora esses sejam riscos mais evidentes, o perigo da ciberdependência, da pornografia, do vício dos jogos *on-line* e da perda da própria privacidade (do senso do privativo), dada a superexposição do indivíduo, especialmente nas redes sociais. E penso que sobre isso todos temos conhecimento do perigo!

Algo se pode fazer...

Não tenho as receitas de como proceder diante disso tudo. Aceno para algumas possibilidades que, quiçá, possam nos ajudar nesse processo de amadurecimento, tanto nosso como de quem está conosco na caminhada formativa.

Urgentemente precisamos adaptar os cursos formativos aos dias de hoje para promover o uso crítico e responsável das mídias. Não podemos usar validamente toda essa tecnologia se não tivermos instrumentos que nos orientem a filtrar as informações, a escolher como e quando usar o que está a nossa disposição. Isto significa que precisamos educar as pessoas para o uso apropriado, consciente e responsável das mídias.

É muito importante ajudar o sujeito a desenvolver uma capacidade madura de *relacionamento com a vida*. Somente a partir disso lhe será possível lidar com as mídias digitais de forma correta e chegar à sua própria liberdade interior. Por relacionamento com a vida entende-se a capacidade de se entender, de se conhecer, de saber seus limites, de se ter nas mãos os fatos reais que a vida vai apresentando. Sem essa capacidade ninguém saberá escolher de forma madura como utilizar as tecnologias, enquanto uma potencialidade a ser explorada a serviço do Reino.

A formação tem de ajudar os sujeitos desse processo a chegar a uma relação equilibrada entre o *mundo on-line* e o *mundo off-line*. Não se espera, evidentemente, que alguém, nos

dias de hoje, não esteja conectado com esse universo *on-line*, mas também se deve supor que sua interação com o mundo *off-line* não pode ser menor ou menos importante. Por inclinação natural, e pela atratividade que toda essa realidade *on-line* exerce sobre o indivíduo, a tendência será sempre mais privilegiar a Rede Net, em detrimento dos relacionamentos interpessoais concretos. A relação de equilíbrio entre essas duas realidades deve ser estabelecida sempre mais a partir de uma educação recebida.

Assim, temos de incidir na capacidade dos indivíduos de decidir sobre o que fazer e como ficar na Rede; isto é, temos de ajudá-los a filtrar, selecionar, compartilhar e gerenciar com inteligência e bom senso o que é produzido nela. Nesse sentido, precisamos entender que a Rede é um novo espaço de discernimento que surge nos dias de hoje, onde todos somos chamados a fazer escolhas mais conscientes e livres. Obviamente, não sem critérios orientadores claros.

Note-se que a questão que se põe hoje, como diz o Papa Bento XVI, não é apenas de “estar lá” ou não estar, mas sim “como habitar” esse novo continente, para ali fazer resplandecer a Luz da Verdade. É nesse *habitat digital* que a/o Consagrada/o é chamada/o a dar razão da própria fé. Assim, tornar-se testemunho no mundo digital exige capacidade de discernimento diante das possíveis escolhas que a Rede permite, o que não vai acontecer de forma automática e inconsciente, isto é, sem algum tipo de ajuda.

Destarte, nosso empenho maior deverá ser no sentido de ajudar para que nossos jovens formandos sejam usuários críticos, conscientes e criativos nesses ambientes digitais. E o melhor caminho para tanto é trabalhar na construção da identidade pessoal, considerando os dois dinamismos centrais para o desenvolvimento da pessoa: a liberdade e a responsabilidade. Não pode haver liberdade se não existir conjuntamente a responsabilidade. Minha liberdade só se consolida quando sou responsável por aquilo que livremente escolhi como meu para minha existência. Aqui estão os dois pilares de todo o processo formativo. Quanto mais livre, mais responsável serei pelas minhas escolhas, e minhas

escolhas serão mais coerentes com aquilo que é meu por escolha de vida livremente aceita. Assim, ter escolhido o que escolhi como meu, para o meu existir, implica consequências/responsabilidades, das quais não posso me eximir. E elas também se estendem nesse ambiente digital midiático.

Portanto, cada um tem a responsabilidade de se tornar “si mesmo” de acordo com aquilo para o que se é chamado a ser. E isso se chama Liberdade Interior!

Concluindo...

Embora esse universo das novas mídias seja complexo e desafiador, não podemos deixar de considerar a sua enorme potencialidade e as infinitas possibilidades que nos oferece, tanto para o crescimento pessoal quanto para a nossa ação apostólica. Estamos atravessando um momento significativo da VRC, a meu ver. Temos a possibilidade de embarcar no “trem da história” e aproveitar da sua mobilidade para desempenhar melhor nosso papel enquanto consagrados; porém, também temos a possibilidade de nos esconder, porque ele é muito perigoso e ameaçador. Nós nos protegeremos dos riscos, é verdade! Mas perderemos a ocasião de avançar na nossa ação e deixar passar a ocasião de sermos Luz da Verdade lá onde o mundo está! Parece que a atitude de autoproteção, nesse caso, não contribui muito! É nessa relação que, para mim, está o mundo das novas tecnologias.

Referências bibliográficas

- RICCIERI, Pina. *Formação ao alcance de um clique: comunicação digital – Desafios e oportunidades*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- IHU *online*, ed. 400, São Leopoldo, 27 de agosto de 2012.
- MENSAGENS do Papa Bento XVI para o 44º, 45º e 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Site do Vaticano: www.vaticano.va.
- SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SANTOS, Gildásio Mendes dos. *A realidade do virtual*. Campo Grande-MS: Editora UCDB, 2001.

RULLA, Luigi M. *Antropologia da vocação cristã: bases interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 1987.

CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicologia e formação: estruturas e dinamismos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como ajudar os jovens formando a utilizar de forma responsável e madura toda essa tecnologia?
2. Que estratégias usar para que todo esse aparato tecnológico os ajude a crescer e a ser mais ousados na missão que os espera?
3. Como fazer para que nossa ação formativa seja uma ajuda na construção de um processo de reflexão diante de tudo isso, sem cairmos no perigo do tudo pode ou nada pode, ou na ambiguidade do cada um se vira?

Editorial

É bom estarmos juntos!	Plutarco Almeida	458/jan.-fev.	1
Vida Religiosa: passado, presente e futuro	Plutarco Almeida	459/mar.	105
Tempo de criatividade e de vitalidade	Lauro Daros	460/abr.	185
Papa Francisco: “Não devemos ter medo da bondade e da ternura”	Lauro Daros	461/maio	241
Eleição do Papa Francisco, sinal do Espírito Santo	Lauro Daros	462/jun.	305
“Permaneça conosco!” (Lc 24,29)	Lauro Daros	463/jul.-ago.	369
Compassivos como Deus	Lauro Daros	464/set.	457
Sinalizar ao mundo o rosto amoroso de Deus!	Lauro Daros	465/out.	529
Pobres de Espírito a serviço do Reino	Lauro Daros	466/nov.	593
Aproximação e encontro	Lauro Daros	467/dez.	665

734

Mensagens

A Vida Religiosa nos tempos atuais	João Braz de Aviz	458/ jan.-fev.	5
Mensagem para o 50º Dia Mundial de Orações pelas Vocações	Papa Bento XVI	460/abr.	187

735

CONVERGÊNCIA

736

Amazônia: narrando os acontecimentos do caminho para Jerusalém e como o reconheceram na fração do pão	Agnese Costalunga	461/maio	252
A estrela de Maria ilumina o deserto	Lauro Daros	461/maio	263
Talitha Kum. Do lado das mulheres	Estrella Castalone	462/jun.	312
Uma história iniciada, cultivada e celebrada (1571-1613 – 2013)	Dulce Alvarenga Bastos	462/jun.	316
O Apóstolo da Juventude	Lauro Daros	462/jun.	320
Vida Religiosa e Jornada Mundial da Juventude: perspectivas e desafios	Rubens Nunes da Mota	463/ jul.-ago.	376
Ser missionário junto ao povo sofredor da Amazônia	Francesco Sorrentino	463/ jul.-ago.	381
Aldeia do silêncio	Frei Betto	463/ jul.-ago.	388
Juventudes e trajetória social: o crack como sinalizador do contexto!	Rubens Nunes da Mota	463/ jul.-ago.	391

737

Secretário da CIVCSVA	José Rodriguez Carballo	463/ jul.-ago.	392
Na cruz de Cristo, a força da formação à vida consagrada	Giovanni Cipriani e Edilamar da Glória Martins	464/set.	468
Carta de solidariedade aos povos indígenas	Vanda T. Bisato e Agenor Martins da Silva	464/set.	476
A beleza salvará o mundo	Emili Turú	464/set.	478
Horizonte para o triênio 2013-2016 da VRC no Brasil	CRB	465/out.	535
Dom Luís Fernando Lisboa, nomeado Bispo de Pemba, Moçambique	Rosinha Martins	465/out.	537
Vida Religiosa na JMJ	Rubens Nunes da Mota	465/out.	543
A Vida Religiosa no Brasil, o Papa Francisco e a Jornada Mundial da Juventude! “Ide e fazei discípulos entre todas as nações” (Mt 28,19)	Ronaldo Mazula	466/nov.	595
Vida Consagrada e Ano da Fé: um comentário a Porta fidei 8 e 13	Delmar Cardoso	466/nov.	608

738

Religiosa do Congo recebe Prêmio Nobel por ajudar vítimas da violência	Rosinha Martins	467/dez.	679
Meu sonho: a realidade de todos	Antônio Veríssimo da Conceição	467/dez.	682
Quem é o missionário?	Maria Helena Teixeira	467/dez.	685

Arte e Cultura

A sociedade do espetáculo	Plutarco Almeida	458/ jan.-fev.	34
Vida Religiosa ou espetáculo?	Plutarco Almeida	459/mar.	127
Consumidores, sim; consumistas, não!	Plutarco Almeida	460/abr.	198
A VRC e os seus escândalos na mídia	Plutarco Almeida	462/jun.	323
O público e o privado na Vida Religiosa hoje	Plutarco Almeida	464/set.	482
Tempo, tempo, tempo	Plutarco Almeida	467/dez.	687

739

Artigos

O Vaticano II redescobre a preciosa pérola evangélica: a vida doada à perfeita caridade	Carlos Josaphat	458/ jan.-fev.	41
Pastoral, teologia e Vida Religiosa. Testemunho e breves reflexões	Afonso Murad	458/ jan.-fev.	57
A longevidade e o senso de valia	Alfredo Crestani	458/ jan.-fev.	73
A opção ecumênica do Vaticano II	Elias Wolff	458/ jan.-fev.	86
A Vida Religiosa: seu lugar no presente e no futuro. Sinais convergentes. Um olhar histórico de ontem e de hoje	Ronaldo Mazula	459/mar.	132
Autoestima na terceira idade: alegrias e tristezas	Maria Evonilde C. F. Assis	459/mar.	157
Vida Religiosa e relações de poder. Autoridade e circularidade do poder	Queila Teles	459/mar.	166
Vida Religiosa Consagrada: missão e inculturação	Joachim Andrade	459/mar.	180
Discernimento vocacional junto às juventudes no contexto atual	Rubens Nunes da Mota	460/abr.	205

740

Para reencontrar o espírito carismático do Concílio	Bruno Secondin	460/abr.	218
O rosto atual de Maria, à luz do Concílio Vaticano II	Ir. Afonso Murad	461/maio	265
Gestão econômica: rival ou parceira da Vida Religiosa hoje?	Carlos Josaphat	461/maio	273
Sofrimento psíquico e Vida Religiosa	Paulo Sérgio Carrara	461/maio	290
Papa Francisco: uma eleição surpreendente	Luís González-Quevedo	462/jun.	331
A contribuição da Teologia Latino-Americana para a elaboração de um novo paradigma da vida consagrada	Vilma Moreira	462/jun.	336
Experiência religiosa na internet e mídiatização da religião: provocações ao diálogo sobre a missão e a pastoral nas redes digitais	Moisés Sbardelotto	462/jun.	348
Entre sinais, desafios e tarefas: as novas gerações na VRC	Natalino G. Souza	462/jun.	360
O diálogo inter-religioso no Vaticano II	Elias Wolff	463/jul.-ago.	394

741

A Vida Consagrada religiosa e a aventura da fé	Maria Abrão	463/jul.-ago.	415
A de-formação na Vida Religiosa Consagrada: análise de possíveis efeitos regressivos no processo formativo da Vida Religiosa Consagrada	Debora Damiolini	463/jul.-ago.	422
A “natureza missionária” a partir do encantamento de Deus	Paulo Suess	463/jul.-ago.	436
Influência das novas tecnologias na formação religiosa	Célia Luiza Araújo do Carmo	464/set.	488
A renovação da Vida Religiosa no Concílio Vaticano II	Cleto Caliman	464/set.	509
Papa Francisco no Brasil	J. B. Libanio	465/out.	545
Congresso das Novas Gerações	Annette Havenne	465/out.	564
Indo e vindo, trevas e luz. Tudo é graça, Deus nos conduz!	Edegard Silva Júnior	465/out.	574
O noivo está chegando. Ide acolhê-lo	João Mendonça	465/out.	586

“As irmãs são o rosto de Deus para nós!” Origem e missão dos levitas: uma luz de Deus para nós religiosas e religiosos	Carlos Mesters	466/nov.	615
Igreja nazarena e Vida Religiosa	Víctor Codina	466/nov.	631
A Palavra raiz da profecia	Helena T. Rech	466/nov.	642
“Pobres de Espírito”	Luís I. J. Stadelmann	466/nov.	652
Tráfico de pessoas: da globalização da indiferença à responsabilidade fraterna	William César de Andrade e Rosita Milesi	467/dez.	695
Proximidade e encontro. O Papa Francisco: discípulo missionário de Aparecida	Paulo Suess	467/dez.	707
A formação para a VRC no contexto das Novas Tecnologias	Adalto Luiz Chitolina	467/dez.	722

Adalto Luiz Chitolina - 467/dez. p. 721
Afonso Murad - 458/jan.-fev. p. 57
Agenor Martins da Silva - 464/set. p. 476
Agnese Costalunga - 461/maio p. 252
Alfredo Crestani - 458/jan.-fev. p. 73
Anderson Augusto Souza Pereira - 458/jan.-fev. p. 33
Annette Havenne - 465/out. p. 564
Antônio Veríssimo da Conceição - 467/dez. p. 682
Barbara Bucker - 458/jan.-fev. p. 29
Bruno Secondin - 460/abr. p. 218
Carlos Josaphat - 458/jan.-fev. p. 41; 461/maio p. 273
Carlos Mesters - 466/nov. p. 615
Célia Luiza Araújo do Carmo - 464/set. p. 488
CLAR - 461/maio p. 243
Cleto Caliman - 464/set. p. 509
CRB - 465/out. p. 533; 465/out. p. 535; 467/dez. p. 668
Debora Damiolini - 463/jul.-ago. p. 422
Delmar Cardoso - 466/nov. p. 608
Dom Leonardo Ulrich Steiner - 462/jun. p. 307
Dulce Alvarenga Bastos - 462/jun. p. 316
Edegard Silva Júnior - 465/out. p. 574
Edilamar da Glória Martins - 464/set. p. 468
Elias Wolff - 458/jan.-fev. p. 86; 463/jul.-ago.-394
Emili Turú - 464/set. p. 478
Estrella Castalone - 462/jun. p. 312
Francesco Sorrentino - 463/jul.-ago. p. 381
Frei Betto - 463/jul.-ago. p. 388
Giovanni Cipriani - 464/set. p. 468
Haiti - Comunidade Intercongregacional - 460/abr. p. 193
Helena T. Rech - 466/nov. p. 642
Ir. Afonso Murad - 461/maio p. 265
Ivoni Lourdes Fritzen - 459/mar. p. 123
J. B. Libanio - 465/out. p. 545
Joachim Andrade - 459/mar. p. 180
João Braz de Aviz - 458/jan.-fev. p. 5

- João Mendonça - 465/out. p. 586
- José Antônio Pagola - 464/set. p. 459
- José Bernardi - 459/mar. p. 115
- José Rodriguez Carballo - 463/jul.-ago. p. 392
- Lauro Daros - 460/abr. p. 185; 461/maio p. 241; 461/maio p. 263;
462/jun. p. 305; 462/jun. p. 320; 463/jul.-ago. p. 369;
464/set. p. 457; 465/out. p. 529; 466/nov. p. 593; 467/dez., p. 665
- Lina Maria Ambiel - 458/jan.-fev. p. 27
- Lucia Alves da Cunha - 458/jan.-fev. p. 16
- Luís González-Quevedo - 462/jun. p. 331
- Luís I. J. Stadelmann - 466/nov. p. 652
- Maria Abrão - 463/jul.-ago. p. 415
- Maria Evonilde C. F. Assis - 459/mar. p. 157
- Maria Helena Teixeira - 467/dez. p. 685
- Márian Ambrósio - 463/jul.-ago. p. 372
- Moisés Sbardelotto - 462/jun. p. 348
- Natalino G. Souza - 462/jun. p. 360
- Papa Bento XVI - 460/abr. p. 187
- Paulo Petry - 465/out. p. 532
- Paulo Sérgio Carrara - 461/maio p. 290
- Paulo Suess - 463/jul.-ago. p. 436; 467/dez. p. 707
- Plutarco Almeida - 458/jan.-fev. p. 1;
458/jan.-fev. p. 34; 459/mar. p. 105; 459/mar. p. 127;
460/abr. p. 198; 462/jun. p. 323; 464/set. p. 482; 467/dez. p. 687
- Queila Teles - 459/mar. p. 166
- Ronaldo Mazula - 459/mar. p. 132; 466/nov. p. 595
- Rosinha Martins - 465/out. p. 537; 467/dez. p. 679
- Rosita Milesi - 467/dez. p. 695
- Rubens Nunes da Mota - 460/abr. p. 205;
461/maio p. 248; 463/jul.-ago. p. 376;
463/jul.-ago. p. 391; 465/out. p. 543
- Terezinha Maria Dalcegio - 458/jan.-fev. p. 21
- Vanda T. Bisato - 464/set. p. 476
- Victor Codina - 466/nov. p. 631
- Vilma Moreira - 462/jun. p. 336
- William César de Andradre - 467/dez. p. 695
- Xavier Nichele - 459/mar. p. 108
- XLII Junta Diretiva do VII Encontro de Secretários
das Conferências Nacionais - 461/maio p. 245